

## 2. “Las bayonetas inteligentes”

“El hombre que no lee periodicos, no pertenece a su siglo, ni a la patria.”

Domigo Faustino Sarmiento. *El Zonda*

A obra de Domingo Faustino Sarmiento quase sempre se voltou para registrar e discutir os acontecimentos que agitavam as novas nações na América. Na recém-independente Argentina, o cenário era de fragmentação política e de uma luta facciosa que expressou posições partidárias irreconciliáveis entre si, uma consequência direta da dissolução do império espanhol após 1808. Os artigos produzidos pelo periodista Sarmiento, na primeira metade do século XIX, refletem intervenções discursivas diárias na realidade daquele momento. Muitos desses escritos sobreviveram ao desgaste do tempo, foram organizados em obras completas, preservados em acervos e tornaram-se importantes fontes de documentação. Hoje, esses textos revelam as questões e os temas que fomentaram as paixões e acirraram as disputas políticas de uma época.

Os escritos de Sarmiento representam o cotidiano da ação política executada pelo periodista e revelam uma grande vontade de compreender uma realidade social e cultural radicalmente nova na época.<sup>1</sup> Para Sarmiento, os jornais diários mudaram a face das sociedades modernas e levaram as ideias a todos os homens, mostrando a humanidade o quanto o mundo podia ser comentado.<sup>2</sup>

O contexto linguístico, as expressões utilizadas por Sarmiento, os embates e os diálogos que ele e outros atores realizaram nos periódicos, eram reflexos, como nos ensina Pocock, de um mundo historicamente determinado e que apresenta uma série de linguagens marcadas pelo seu próprio tempo. No primeiro momento, é fundamental descrever as condições históricas em que foram produzidos esses textos, apontar o papel protagonizado pela geração de 1837, assim como, destacar o panorama das imprensas de Buenos Aires e de Santiago. Somente depois, numa

---

<sup>1</sup> Cf. MYERS, J., (Prólogo). *La Contudencia Ambivalente: Sarmiento, Republicano, Liberal y Conservador*, en la Disputa por la Construcción de la Nación.

<sup>2</sup> Cf. SARMIENTO, D. F., *Obras Completas de D. F. Sarmiento*, p. 61.

segunda etapa, serão analisadas os discursos, as opiniões, as expressões e os “atos de fala” que emergem dos discursos da época.

## 2.1. A geração romântica de 1837

O ano de 1837 foi marcado pela criação de uma associação formal que se reunia por ocasião do *Salão literário* em Buenos Aires. Em pouco tempo, as atividades do grupo se debruçaram sobre a bandeira de uma “jovem argentina”. Intelectuais como Juan Bautista Alberdi, Juan Maria Gutiérrez, Sarmiento, Esteban Echeverría, Vicente Fidel López, Bartolomé Mitre, José Marmol, Carlos Tejedor, Félix Frias, entre outros, dominaram a vida política e cultural até a década de 1880. Os encontros do Salão se iniciaram de forma tímida e eram realizados na livraria do uruguaio Marcos Sastre. A geração de 1837 foi o primeiro grande movimento cultural de construção de identidade nacional argentina. É inquestionável a importância dessa geração e do movimento romântico inaugurado por ela, tanto para a história da Argentina, como para a história da América Hispânica. As opções ideológicas escolhidas pelos integrantes dessa geração foram tão diversas e originais como suas próprias personalidades. Todos esses homens atribuíram um valor supremo à novidade, à última moda e às invenções vindas da Europa ou da República do Norte.<sup>3</sup> Nesse contexto, a imprensa também surgiu como uma nova ferramenta, que possibilitava aos intelectuais expressar seus conhecimentos e ideais. Talvez, por esse motivo, o debate sobre o papel e os limites das publicações periódicas tenham ocupado tantas páginas dos jornais da época.

A utilização do termo “geração” para definir esse grupo de intelectuais abrange, principalmente, os homens que moldaram os projetos de construção da nova nação Argentina, que foram exilados e tiveram uma atuação marcante na imprensa. Os integrantes de uma geração podem ter diferentes faixas etárias, até mesmo posições e práticas políticas distintas, mas todos lutam em prol de um

---

<sup>3</sup> Cf. MYERS, J., *La Revolución en las Ideas: La Generación Romántica de 1837 en la Cultura y en la Política Argentina*, p. 384 e 385.

mesmo ideal. Como Jean Francois Sirinelli assinala, o termo representa um parâmetro invariável na análise histórica de um determinado contexto.<sup>4</sup>

William Katra no livro *a Geração de 1837 – Los hombres que hicieron el país* destaca que esses intelectuais foram os mais conscientes da sua realidade no século XIX. Para Katra, eles não foram somente protagonistas das lutas que culminaram com a emergência do estado liberal, tornaram-se escritores de grande talento e deixaram registros que são verdadeiros testemunhos da história.

Sus testimonios escritos evidencian las cambiantes configuraciones ideológicas que aportó cada década al enfrentamiento centenario entre los grupos tradicionales y modernos o urbanos y rurales y sus respectivas cosmovisiones y sistemas políticos.<sup>5</sup>

Os principais integrantes dessa geração nasceram entre 1805 e 1821. Como crianças e adolescentes, vivenciaram as lutas pela independência e os violentos confrontos que se seguiram na disputa pelo poder entre os partidos federais e unitários; liberais ou defensores da tradição hispânica. Bernardo Ricupero destaca que esses intelectuais foram os continuadores de uma obra iniciada com a independência. Eles tinham a tarefa de promover uma emancipação política através de uma emancipação mental. Para eles, essa “autoconsciência” que visava libertar a Argentina das ideias remanescentes do período colonial, despertaria também um sentimento de pertencimento ao país e de unidade entre os cidadãos.<sup>6</sup>

Se a geração de 1837 considera que a independência só estará completa quando se tiver autoconsciência nacional, constata facilmente que o processo não está terminado. Portanto, de início não seriam todos emancipados, e mais importante ainda, enquanto a emancipação mental não for realizada, a soberania popular não pode ser respeitada.<sup>7</sup>

Esses jovens românticos tiveram que ultrapassar a fase heróica da independência para estabelecer uma nova fase de maior reflexão. No texto

<sup>4</sup> O uso do termo “geração” está relacionado a um conceito que possibilita abarcar diferentes faixas etárias. A perspectiva de uma geração é estabelecida a partir de um marco fundacional, um acontecimento inaugurador, no qual um grupo de pessoas começam a atuar de uma determinada maneira. No artigo “A geração”, Jean François Sirinelli afirma que o termo é o reflexo do homem na profundidade histórica; constituindo assim um parâmetro invariável de uma época ou de uma sociedade, a padronização de uma duração. Segundo Sirinelli, a geração existe no território do historiador é ao mesmo tempo objeto da história e instrumento de análise. Cf. SIRINELLI, J. F., *A Geração*.

<sup>5</sup> KATRA, W. H., *La Geración de 1837*, p. 7.

<sup>6</sup> Cf. RICUPERO, B., *O Romantismo e a Idéia de Nação no Brasil (1830-1870)*, p. 207.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 211.

*Fragmento Preliminar ao Estudio del Derecho*, primeira obra da geração, Alberdi destacava: “Uma nação não é uma nação, a não ser pela consciência profunda e reflexiva dos elementos que a constituem”. O desafio era como realizar esse ideal e superar o cenário de conflito que se acirrava cada vez mais entre Buenos Aires e as províncias. Ricupero assinala ainda que esses intelectuais elaboraram diferentes visões sobre a Argentina e foram influenciados diretamente pelas condições históricas que eles próprios presenciaram.<sup>8</sup>

Como herdeiros da Revolução de 1810, esses jovens desempenharam a tarefa de implementar a segunda fase da revolução, que consistia na renovação das ideias políticas e sociais necessárias para a criação da nova identidade. Uma aspiração tipicamente romântica presente nos escritos da época era discutir tudo o que estivesse relacionado à nação. A proposta era unificar a juventude em torno de um movimento de regeneração social, política e cultural. A maior parte dos textos produzidos para se pensar essa nova nação surgiram no período que vai do início das atividades do *Salão Literário* à queda do governo de Juan Manuel Rosas, em 1852.

Rosas foi governador de Buenos Aires de 1829 a 1832. Três anos depois, com a morte de Facundo Quiroga representante da província de La Rioja, o *caudillo* assegurou novamente a hegemonia da capital sobre as províncias do interior. Como representante de relações exteriores da então Confederação Argentina, Rosas expandiu sua influência para além da capital e se intitulou o “*restaurador das leis*”. A adesão a sua política era expressa pelo uso de uma cinta colorada e da chamada moda federal. Desde 1829, o governante passou a criticar os estrangeiros que viviam na região do Prata. Através da imprensa, principalmente de periódicos oficiais como a *Gaceta de Buenos Aires*, tentou caluniar e desacreditar as opiniões de ingleses e franceses, assim como, decretou que as

---

<sup>8</sup> A instabilidade no território argentino era uma consequência direta de fortes rivalidades locais. A capital era constituída por grupos de comerciantes vinculados aos interesses britânicos. Esses negociantes portenhos tinham o controle do porto e da aduana, eles eram intermediários entre o restante do país e a economia estrangeira. Para canalizar seus objetivos, eles se reuniram em torno do partido unitário. Por outro lado, as províncias, que buscavam mais autonomia e se viam prejudicadas por esse centralismo portenho, formaram o partido federal. Essa rivalidade, expressa entre o campo e a cidade, entre federalistas e unitários, provocou diversos confrontos civis que se prolongariam até meados do século XIX e seriam discutidos nos projetos dos intelectuais da geração de 1837.

instituições estrangeiras deveriam se adaptar às novas condições americanas. Na época, era considerado crime se vestir de acordo com a moda européia, a medida introduziu o uso de trajés dos pampas entre a população de Buenos Aires.<sup>9</sup>

Todos los habitantes fueron obligados a traer cintas rojas con inscripciones de vivas al Restaurador, vivas a la Federación. Los hombres en el pecho, las mujeres en la cabeza. Esos lemas adornaron los frontis de las oficinas públicas, de los documentos oficiales, de los periódicos, y hasta de los anuncios de ventas y compras y aun las cartas particulares. Y quedaron proscriptos los colores verde y celeste, los trajes europeos, y se les substituyó la chaqueta y el poncho. Meses después el bigote y el chaleco colorado era uniforme obligatorio de todo ciudadano de Buenos Ayres.<sup>10</sup>

Em 1837, outro marco para a geração romântica foi a criação do primeiro periódico do *Salão Literário: La Moda*. O jornal contou com a colaboração de vários integrantes da Associação como Alberdi, Gutiérrez, López, Quiroga Rosas e Carlos Tejedor. A publicação teve 23 números e foi apresentada pelos próprios redatores como uma gazeta semanal de música, poesia, literatura e costumes. Por trás de uma temática despretensiosa, o semanário experimentou e até mesmo ensaiou a exteriorização de ideias e propostas políticas que, posteriormente, foram ampliadas e consolidadas. Um artigo intitulado “*Modas Políticas*” foi escrito por Alberdi e apontou essa característica: “Cuando una idea política adopta un color por emblema suyo, y esta idea se levanta sobre todas, el color que la simboliza, en manos del espíritu público no tarda en volverse de moda”.<sup>11</sup>

*La Moda* deu continuidade as atividades do Salão Literário e foi uma das publicações mais expressivas da geração romântica argentina naquele momento. Foi editada por Rafael Jorge Corvalán e durou de novembro de 1837 a abril de 1838. O conteúdo supostamente relacionado a moda, poesia e música representava uma estratégia dos redatores em mascarar os temas que de fato incentivavam o

<sup>9</sup> Cf. ENDARTE, J. R., *Rosas y sus Opositores*, p. 36.

<sup>10</sup> Ibid, p. 254 e 255.

<sup>11</sup> Muitas pesquisas assinalam que o conteúdo do jornal não tratava de política; mas alguns estudos como de Antonio Zinny reforçam o conteúdo crítico de alguns artigos ao governo Rosas. A partir do número 21, *La Moda* teve seu formato reduzido e passou a utilizar aforismos diante de um cenário de censura: “*Cicerón define la civilización una ciencia que enseña la oportunidad de lo que debemos decir, de lo que debemos hacer*”. O jornal não esteve totalmente isento de uma atuação política. Todas as edições de *La Moda* foram organizadas pela Academia Nacional de História da Argentina, em 1937, ano do centenário da gazeta. José A. Oría foi o responsável pela publicação e redigiu o prólogo do volume. Para ver mais: BELTRÁN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*, p. 208 e 209.

debate público. O periodista Miguel Cané ressaltava a temática da publicação em um artigo do *El Iniciador* de Montevideú:

Cuántas bellas lectoras y gallantes caballeros no habrán sido engañados en sus esperanzas á la lectura de aquellas paginas en que creían encontrar un nuevo descubrimiento, con quién hacer más gracioso y elegante el vestido y más picantes las formas? ¿Cuántas de ellas no habrán arrojado desdeñosamente aquellas páginas, después de la rápida lectura de algunas de sus líneas, en que tan palpablemente se desmienten su título?.<sup>12</sup>

O autor Oscar Beltrán afirma que, nesse momento, Rosas era visto como um homem novo e os integrantes da geração ainda não tinham ressentimentos ou críticas a imagem do *caudillo*.<sup>13</sup> Bernardo Ricupero também assinala a simpatia inicial ao governante nos discursos proferidos na inauguração do *Salão Literário* em 26 de junho. As apresentações mostravam que essa nova geração pretendia realizar no plano intelectual, uma obra comparável ao “*restaurador das leis*” na política. Eles defendiam que era preciso ensaiar nas artes, na filosofia, na literatura, na indústria, o que Rosas praticava no governo<sup>14</sup>. Dos discursos realizados naquela noite, apenas Gutiérrez não fez elogios ao governante e Echeverría também não escondia a hostilidade que sentia por Rosas.

Posteriormente, diante de um cenário de ampliação do poder autoritário, de forte censura a imprensa em Buenos Aires e de vigilância permanente até mesmo ao conteúdo das notícias publicadas nas províncias, os intelectuais de 1837 passaram a adotar uma postura cada vez mais crítica com relação a Rosas. Todas essas medidas eram características não compatíveis com a liberdade de expressão e de opinião tão proclamadas na época. O governante se transformou no maior obstáculo para a execução dos projetos da geração romântica e foi alvo de inúmeros ataques realizados por argentinos e até mesmo estrangeiros na imprensa na Região do Prata.

<sup>12</sup> *El Iniciador*, n. 2. 01/05/1838. Referência em: MARTÍN, B. R., Juan María Gutiérrez y su Contribución Periodística (1833-1852) a la Crítica Cultural Hispanoamericana.

<sup>13</sup> Cf. BELTRÁN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*, p. 208 e 209.

<sup>14</sup> Cf. RICUPERO, B., *As Nações do Romantismo Argentino*, p. 220.

## 2.2. Uma imprensa para ser lida e ouvida

As primeiras décadas do século XIX presenciaram um considerável desenvolvimento dos órgãos de opinião nas novas nações na América. Os jornais tornaram-se o palco para as diversas lutas travadas pelo estabelecimento de um regime representativo, a República. Pilar González Quiróz no livro *Civilidad y Política en los orígenes de la Nación Argentina* destaca que uma das primeiras medidas adotadas pelo governo, na recém-independente Argentina, foi declarar a liberdade para qualquer homem publicar suas ideias. O decreto foi expedido em 26 de outubro de 1811. Segundo Quiróz, era a defesa de um espaço de liberdade, no qual o novo mundo da opinião poderia se constituir e enraizar.<sup>15</sup>

A palavra “opinião” foi um termo chave na época, porém, o consumo e a produção dos periódicos era uma realidade restrita a uma pequena elite letrada. Mesmo assim, o efeito das notícias era multiplicador, os jornais passavam de mão em mão e as manchetes eram lidas em locais públicos como tertúlias, cafés, bibliotecas públicas, “pulperías”<sup>16</sup>, associações culturais e centros acadêmicos. O público recorria a esses lugares para se informar e trocar opiniões sobre os acontecimentos. Até mesmo a música se transformou em um meio para propagar a informação. Algumas notícias ganharam espaço em composições entoadas por gaúchos cancioneiros em todo o território, as *payadas*. A difusão da opinião era um ato coletivo e a primeira metade do século foi marcada pela passagem de uma leitura pública, caracterizada pela oralidade, para uma leitura privada.<sup>17</sup> O historiador Iván Jaksic assinala que a crescente circulação de material impresso envolveu transformações significativas nos hábitos de leitura e nas práticas de comunicação. Segundo o autor, “a palavra era escrita e publicada, não apenas para ser lida, mas também para ser ouvida”.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> Cf. QUIRÓS, P. G. B., *Civilidad y Política en los Orígenes de la Nación Argentina*. Las Sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862, p. 168.

<sup>16</sup> Comércio para venda de produtos à beira da estrada.

<sup>17</sup> É importante destacar que, na época, uma das formas de comunicação da tradição oral da cultura argentina foi a “poesia gauchesca”. Os poemas eram produzidos por intelectuais para um público que não sabia ler e, muitas vezes, funcionavam como periódicos que tentavam difundir o hábito de leitura nas províncias.

<sup>18</sup> O historiador Iván Jaksic escreveu alguns trabalhos importantes sobre a imprensa na América no século XIX. O autor organizou o livro *The Political Power of the Word: Press and Oratory in*

Na época, as notícias publicadas nos jornais expressavam a rivalidade entre as instituições tradicionais e modernas. Os resquícios do poderio colonial eram visíveis em muitos discursos. O conflito era regido por referências à jurisprudência, às liberdades antigas e aos procedimentos tradicionais. Nesse confronto, entre o antigo e o novo, foi associado um outro elemento: a opinião pública, que tinha o papel de legitimar a soberania da nação.

François Xavier Guerra assinala que a independência gerou na sociedade hispano-americana uma contradição entre uma nação moderna desejada, mas ainda inexistente, e uma outra formada por comunidades diversas apoiada em antigos laços coloniais, que reforçavam a tradição institucional e o imaginário das províncias. Para Guerra, esse cenário explica em grande parte os problemas políticos existentes durante o processo de construção da nação.

Se ha dicho a veces que en la América Hispánica el Estado habia precedido a la nación. Mejor seria decir que las comunidades políticas antiguas – reinos y ciudades – precedieron tanto el Estado como a la nación y que la tarea del siglo XIX para los triunfadores de las guerras de Independencia será construir primero el Estado y luego, a partir de él, la nación – moderna.<sup>19</sup>

Os protagonistas dessa transformação foram, essencialmente, como assinala Guerra, os homens de letras. No princípio, eram grupos minoritários que tinham como referências os ideais da Revolução Francesa. Intelectuais como os integrantes da geração de 1837 reagruparam-se em formas de sociabilidade e deram início a projetos nacionais. Através desses homens a cena política ganhou uma nova linguagem. Na imprensa, artigos mostravam que as palavras viraram munição para atingir e denegrir adversários, ou até mesmo mobilizar os que não participavam do debate. O primeiro centro formador da opinião americana, segundo Guerra, foi a cidade de Cádiz, na Espanha, que funcionava como uma grande praça financeira e porto das Índias. A influência de Cádiz já era percebida antes mesmo de instalada as Cortes. Com a formação da Assembléia, em 1810, foi estabelecida uma rede de circulação de notícias ainda maior. Durante as guerras pela independência, as notícias e os temas discutidos pelos representantes das províncias espanholas e americanas foram reproduzidos em diversos periódicos

---

*Nineteenth Century in Latin America*, que reúne diversos artigos com estudos sobre o papel das publicações periódicas no período de formação das Nações no continente americano.

<sup>19</sup> GUERRA, X. F., *Modernidad e Independencias*. Ensayos sobre las Revoluciones Hispánicas, p. 350.



das cidades hispano-americanas. Entre os temas debatidos pelas Cortes, a questão da liberdade de imprensa não foi esquecida.

O deputado da Assembléia Álvaro Florez Estrada propôs uma discussão sobre o tema um ano antes, quando foi formada a Junta Central Espanhola, reunida em Sevilla, em 1809. No documento, que ficou conhecido como “*Reflexiones sobre la libertad de imprenta*”, Florez questionava como os homens poderiam receber educação, se não era permitido falar, ler, escrever ou ouvir o que se sentia.

Como podrán los hombres recibir la educación conveniente en un país en donde no le es permitido oír, ni decir, ni leer, ni escribir lo que si siente? Y como podrán adquirir las buenas ideas en donde el gobierno proscribte todas las que no se acomodan a su interés mal entendido? La libertad de imprenta es el unico medio de que podremos valernos para arrancar de una vez los males tan inveterados y tan insoportables: es el único remedio que mejora nuestra educación abandonada.<sup>20</sup>

O assunto repercutiu nas Cortes de Cádiz e foi criada uma comissão para elaborar o projeto do decreto. Em 10 de novembro de 1810, foi publicado o documento “*Libertad política de la imprenta*” que eliminava a censura prévia e ressaltava o direito de cada cidadão publicar seus pensamentos e ideias políticas.<sup>21</sup>

Atendiendo las Cortes generales y extraordinarias a que la facultad individual de los ciudadanos de publicar sus pensamientos y ideas politicas es no sólo un freno de la arbitrariedad de los que gobiernan, sino también un medio de ilustrar a la nación en general, y el único camino para llevar al conocimiento de la verdadera opinión pública.

O debate sobre o tema chegou à América e influenciou a ação política de inúmeros intelectuais latino-americanos. Os primeiros escritos sobre opinião pública e liberdade de imprensa invadiram os periódicos, em Buenos Aires, antes mesmo do movimento revolucionário de 25 de maio de 1810. Um dos jornais da época, o *Correo de Comercio* destacou o editorial: “La Libertad de la prensa es la principal base de la ilustración pública”.<sup>22</sup> O texto apresentava um forte discurso patriótico e clamava que sem essa liberdade não era possível alcançar nenhum

<sup>20</sup> Fragmento do texto “*Reflexiones sobre La Libertad de Imprenta*” de Alvaro Flores Estrada. In: MUÑOZ, M. F., *La Constitución de Cádiz en Nueva España*, p. 128.

<sup>21</sup> *Ibid*, p.129.

<sup>22</sup> *Correo de Comercio*: “*La Libertad de la prensa es la principal base de la ilustración pública*”, 11/08/1810. O *Correo do Comércio* foi fundado em 3 de março de 1810, três meses depois da Independência em Buenos Aires. Foi publicado até fevereiro de 1811. Para ver mais: BELTRAN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*, p. 30 a 37.

outro bem. Para Manuel Belgrano, redator do jornal, somente aqueles que gostavam de governar despoticamente iriam se opor à publicação de diferentes opiniões nos jornais. Nas páginas do periódico foi impresso: “Sin esta libertad no pensemos haber alcanzado ningún bien, después de tanta sangre vertida y de tantos trabajos. ¿Qué podrá prometer una nueva Constitución, sin su mayor y más fuerte apoio? ¿Quién la conservará en su fuerza sin la opinión pública?”<sup>23</sup>

Após a independência, a discussão sobre a liberdade de imprensa ganhou cada vez mais força. A *Gaceta de Buenos Aires* fundada, em 1810, por Mariano Moreno, apresentava como prólogo uma frase do historiador romano Tácito: “Rara felicidad de los tiempos en que no es permitido sentir lo que querais y decir lo que sintáis”. Nesse momento, os homens de letras defendiam que amordaçar as publicações significava silenciar a voz da população. Em 1812, foi formada a primeira junta protetora da liberdade de imprensa. Os temas apresentados nas reuniões, assim como, as reclamações dos leitores e os decretos dos juízes foram publicados nas colunas de um outro periódico, o *El Censor*.

Em Buenos Aires, o assunto dominou várias páginas de publicações como *Lo Grito del Sud*, *El Redactor*, *El Independiente*, entre outros. Até mesmo um jornal intitulado *La Prensa Argentina* foi publicado em 1815. Esse periódico tinha a seção “*Postillones de la Prensa*” que analisava o jornalismo da época. Um dos artigos afirmou que o tema da liberdade de imprensa em Buenos Aires era apenas uma questão “nominal”, não se convertia numa prática. Para os leitores, os jornais *El Censor* e *La Prensa Argentina* eram completamente antagônicos, realizavam uma verdadeira oposição, mas na verdade, foram escritos pelo mesmo diretor, o cubano Antonio José Valdéz. Em *La Prensa Argentina*, Valdéz manteve seu nome anônimo e defendeu suas ideias próprias, livre da influência dos representantes do governo. O curioso é que ele criticava a si mesmo, chamando o diretor de *El Censor* de atrevido, pedante e convencido. No início da década de 1820, Juan Cruz Varella, seu irmão Florencio Varella e don Ignacio Nuñez publicaram *El*

---

<sup>23</sup> BELTRAN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*.

*Centinela* e um dos principais destaques do jornal eram os poemas escritos por Juan Cruz sobre liberdade de imprensa.<sup>24</sup>

Para Guerra, toda vez que falamos em revolução e transformação cultural e social, é importante questionar não apenas os locais em que a mudança aconteceu, mas também os homens que a experimentaram, assim como, os meios que fizeram as suas ideias alcançarem diferentes províncias, diferentes capitais e diferentes grupos sociais. Essas informações não remetem apenas a uma história da cultura, mas afetam, de fato, a história política de uma época.

Guerra também assinala que dentro de um processo revolucionário, de construção de uma nação e de modernização da sociedade, é fundamental um grau relativamente alto de alfabetização e de desenvolvimento da imprensa. Essas características nos ajudam a indicar porque os integrantes da geração de 1837 teriam tanto interesse em discutir os caminhos da educação e o papel das publicações periódicas. Sem esses dois elementos era impossível realizar a transformação social e cultural que tanto almejavam. O número reduzido de leitores foi um tema debatido exaustivamente por Sarmiento, que chegou a apontar essa realidade como uma doença que impedia o progresso.

As observações de Guerra são contribuições importantes em qualquer análise sobre a realidade da região do Prata naquela época. Mesmo diante de uma sociedade em que a maioria não sabia ler, os artigos dos jovens românticos argentinos se converteram em uma verdadeira arma contra o governo de Juan Manuel Rosas. Não havia apenas uma guerra de palavras pela disputa do poder, os integrantes dessa geração queriam avançar também no debate sobre a liberdade de imprensa e no crescimento da formação da opinião pública.

---

<sup>24</sup> Como exemplo, o poema publicado no jornal *El Centinela*, na edição de 10 de novembro de 1822: “*Liberdad de escribir. Derecho grato/ Ao sabio, ao ciudadano/ Más que todo derecho! Con qué freno/ El poder se contiene/ Ao alargar la usurpadora mano/ Si el temor que le das no lo detiene?*”. Juan Cruz Varela publicou essas composições poéticas sobre a liberdade de imprensa em outros periódicos como *El Granizo* (1827), em Buenos Aires, e *El Patriota* (1831-1832), em Montevídeu. Para ver mais: BELTRÁN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*, p. 212 e 213.

### 2.3. As leis da imprensa e os “*libelos injuriosos*”

Durante toda a primeira metade do século XIX, o princípio de liberdade de imprensa foi acompanhado por uma série de medidas restritivas que queriam reduzir a prática da opinião a uma mera propaganda política, ou pretendiam criar mecanismos para aumentar o controle do que era publicado. A liberdade de opinião se converteu numa ameaça para a manutenção de governos, fossem eles unitários ou federais.

Na *Gazeta de Buenos Aires*, de 22 de abril de 1811, foi publicado o discurso de Gregório Funes sobre a liberdade de imprensa apresentado à Junta Superior do Governo. No texto o jornalista destacou:

La libertad a que tiene derecho la prensa no es a favor del libertinaje de pensar: es sí a favor de la ilustración, y de áquel albedrío que debe gozar el hombre sobre el más privilegiado de sus bienes. Es para que tenga el mérito de haber pensado bien, y no para que halle un indulto a sus errores. Semejante condescendencia con el vicio jamás se ha tenido en ninguna nación culta, donde la prensa ha gozado de libertad. Soló ha sido para que su ejercicio no sufra la servidumbre de un déspota, que dando o negando su consentimiento se haga árbitro de las luces, y de los derechos del hombre.<sup>25</sup>

O jornal ressaltou que o discurso de Funes levou a decretação do primeiro regulamento sobre liberdade de imprensa pela Junta do Governo, em 20 de abril de 1811. A única limitação da lei era que todos os escritos sobre religião continuassem sujeitos a uma censura prévia dos eclesiásticos. Outro avanço importante no panorama editorial de Buenos Aires ocorreu um pouco depois durante o governo de Rivadavía.

O autor Gálvan Moreno assinala que Rivadavía foi um grande apreciador da função social da imprensa e o responsável pelo notável desenvolvimento das publicações periódicas naquele momento. O governante afirmava que um projeto de lei sobre a correção dos abusos cometidos pela imprensa não era oportuno ser apresentado pelos integrantes da Junta. No entanto, o governo da capital sofria pressões como a do então governador de Córdoba, Juan Baustista Busto, para criar um decreto protetor sobre o que era impresso pelos jornais na província e também

---

<sup>25</sup> O autor Galván Moreno destacou uma parte da transcrição do discurso de Gregório Funes publicado na *Gazeta de Buenos Aires*. Para ver mais: MORENO, G., *El Periodismo Argentino*, p. 77 a 79.

na capital. Essa realidade levou a decretação da lei de 1822 com severas restrições ao conteúdo dos jornais<sup>26</sup>.

Galván Moreno assinala que, apesar da lei, Rivadavía manteve um cenário de total liberdade de imprensa. O governo não perseguiu seus adversários dos periódicos, nem diante dos mais graves insultos. Segundo Moreno, muitos editores tentaram violar a lei, ao apresentar como responsáveis dos artigos pessoas que não sabiam escrever. Essa legislação foi vigente até a decretação da constituição de 1826 que voltou a reforçar a necessidade da liberdade de imprensa para o desenvolvimento da sociedade. O artigo 161 afirmava: “La libertad de publicar suas ideias por la prensa, que es un derecho tan apreciable para el hombre, como esencial para la conservación de la libertad civil, será plenamente garantida por las leyes.”

Para Moreno, o governo de Rivadavía foi bastante afetado pelos problemas com a guerra do Brasil e a infidelidade de alguns governantes das províncias. O autor assinala que a imprensa teve grande influência na queda de Rivadavía, mas que em nenhum momento o governante tomou qualquer medida para limitar a liberdade das publicações periódicas.

Quando os partidários federais tomaram o governo na capital, uma das primeiras medidas foi determinar a lei de 1828. O decreto estabeleceu multas para editores e redatores que violassem a regulamentação sobre a imprensa. A sentença, que poderia chegar também a prisão, era aplicada por um tribunal especial composto por cinco membros. Essa lei foi mantida durante toda a permanência de Rosas no poder. Em 1832, algumas medidas restritivas foram acrescentadas ao decreto, tornando-o ainda mais severo. A nova regulamentação, emitida em 1º de fevereiro, afirmava que nenhum impressor ou editor poderia estabelecer um jornal sem o aviso prévio e a permissão expressa do governo. A atividade de imprensa estava reduzida a um severo controle oficial:

El gobierno ha observado con dolor que algunos periódicos de esta ciudad en vez de corresponder a los favores del Cielo, procurando redoblar sus esfuerzos para acalmar pasiones agitadas, tranquilizar los ánimos, ilustrar la opinión pública y fortificar los vínculos de fraternidad y unión entre las provincias hermanas y sus

---

<sup>26</sup> Cf. MORENO, G., *El Periodismo Argentino*, p. 144 a 148.

habitantes, empezaron a declinar de aquella circunspección y modestia con que hasta entonces habian secundado la marcha y miras benéficas de los gobiernos litorales, y a promover extemporáneamente cuestiones importunas, que sin guardar el menor decoro en el modo de ventilarlas, se han hecho y se están haciendo servir a cada paso de pretexto para prodigarse insultos entre los contendores, desacreditar la situación del país, y vertir conceptos irrespetuosos contra sus respectivos gobiernos, perjudicando de este modo innoble las relaciones amistosas que guardan entre sí.<sup>27</sup>

O decreto de 1832 determinava que todas questões públicas estavam totalmente reduzidas ao controle do governo. Rosas afirmava que o jornalismo chegava a extremos que era necessário remediar, dessa forma, esvaziava qualquer debate contra a sua administração. Para o governante *caudillo*, os jornais representavam um tráfico vergonhoso de interesse e lucro, foram convertidos em teias de discórdia e alarmes para incitar os ânimos da população. Pouco tempo após esse decreto, o governante deixou o poder da capital. A saída de Rosas do governo favoreceu uma explosão da imprensa.

O panorama editorial na capital Buenos Aires, entre as décadas de 1830 e 1850, sofreu mudanças significativas, um reflexo direto da situação política vivida na Argentina. Em 1833, foi registrado o maior número de periódicos na capital portenha. Foram publicados 37 novos jornais. No ano seguinte, ainda apareceram outros 10. Mas essas múltiplas folhas, que surgiram da necessidade de criticar uma má administração ou de denunciar abusos do governo, tiveram vida curta. O grande crescimento das publicações periódicas foi interrompido com a restauração do decreto de 1832 em setembro de 1834. Com o retorno de Rosas ao poder, os números foram reduzidos quase a zero, apenas um ou outro periódico conseguiu autorização prévia. Muitos foram classificados como “*Libelos injuriosos ou infamatorios*” e proibidos de circular. Nos anos de 1839, 1841, 1842, 1843, 1846 e 1847, nenhum novo jornal foi publicado em Buenos Aires. As notícias tinham apenas um tom oficialista e eram impressas em periódicos como *La Gaceta Mercantil*, *El Diario de la Tarde*, *El Archivo Americano* e *Diario de Avisos*.

Rosas afirmava que era a mão forte necessária para garantir a ordem e a paz para a população. O autor C. Galván Moreno no livro *El Periodismo Argentino*

---

<sup>27</sup> Registro Oficial da Província de Buenos Aires. 1831-1832, p. 245. In: MORENO, G., *El Periodismo Argentino*.

assinala que as medidas do governo contra a liberdade foram um duro golpe para a discussão pública.

Rosas estaba ya reclamando plenamente la situación. El aflorar de las hojas periódicas que, durante 1833 alcanzaron al mayor número parecido desde la declaración de la independencia, se estanca de golpe y decrece en forma vertiginosa. Ya no se permite la discusión.<sup>28</sup>

Sarmiento escreveu também sobre a censura em Buenos Aires em *Recuerdos de Provincia*. Na obra, o periodista dizia que Rosas temia mais a imprensa do que as conspirações. “Una conspiración pude ser ahogada en sangre, pero un libro, una revelación de la prensa, aunque haya un puñal como el que dió fin con Varella, queda ahí siempre; porque lo está impreso, queda estampado para siempre”.<sup>29</sup>

O *caudillo* permaneceu por quase duas décadas no governo. Quando a oposição ao governo de Buenos Aires se tornou uma ameaça, muitos jovens saíram exilados para o Uruguai e o Chile. Estebán Echeverría foi um dos primeiros a destacar a função principal do grupo: “ampararse de la opinión, ya por medio de la prensa, y de la tribuna, asi que cambie el orden de cosas actual y la revolución levante otra vez la cabeza”.<sup>30</sup>

Nos estudos sobre a imprensa no século XIX é difícil mapear a influência dos periódicos sobre a opinião pública, em decorrência das poucas informações que existem sobre a tiragem e os números de assinantes. Os textos da época nos mostram o que os autores estavam discutindo sobre o tema naquele momento. É o que emerge dos escritos de Sarmiento, quando o próprio autor contextualiza, reflete e debate o papel das publicações periódicas. Dessa forma, podemos afirmar que a censura do governo Rosas teve um grande impacto no panorama editorial de Buenos Aires e na ação política da geração de 1837. Para os intelectuais românticos, falar de liberdade de imprensa e formação da opinião se tornaram questões fundamentais.

<sup>28</sup> MORENO, G., *El Periodismo Argentino*, p. 162.

<sup>29</sup> SARMIENTO, D. F., *Recuerdos de Provincia*. Imprenta de Julio Belín y Compañía, 1850. Florencio Varella é o escritor citado por Sarmiento na obra. Varella foi assassinado em Montevideo em 1848 por seguidores do governo Rosas. Reprodução digital da primeira edição da obra.

<sup>30</sup> La carta de Echeverría (sem data) a "Señor Vice-Presidente de la Asociación de la Joven Generación Argentina", reimpressa em *Antecedentes de la Asociación de Mayo*, 1837-1937, p. 116.

## 2.4. Palavras como armas: guerra contra Rosas

No exílio, esses intelectuais passaram a defender propostas que apoiavam o livre comércio, as liberdades individuais, um projeto republicano diferente do governo Rosas, e sobretudo, o progresso material. Eles pretendiam estabelecer uma República que fosse liderada por uma elite social e intelectual que teria o dever de garantir a ordem e a propriedade; e lutar contra um tradicionalismo que impedia o desenvolvimento da nova nação. No primeiro momento, o Uruguai foi a primeira tribuna da imprensa contra Rosas. Jornais como *El Iniciador*, *El Nacional* e *Revista del Plata* foram verdadeiros porta-vozes dos ideais dos jovens de 1837.

Na imprensa, todas as críticas apontavam uma posição totalmente desfavorável e extremamente negativa do poder absoluto do governante de Buenos Aires. Em Montevideu, o *El Nacional* redigido, na época, pelo uruguaio André Lamas, publicou um editorial que era a expressão da vontade política da geração romântica:

Cuando una sociedad está en formación, la prensa dirige las consciencias de los gobernantes y el pueblo encuentra en ella los ecos de sus exigencias, de suerte que el periodista es un positivo representante de la voluntad popular. Cuando la sociedad está organizada, la misión de la prensa es más segura, pero cuando esa sociedad se desquició al nacer, los esfuerzos se multiplican, la lucha es desigual y los resultados funestos (...) La prensa, bajo la dictadura Rosista, es la completa imagen del caos. Por eso desde la tierra hermana, donde aún es posible decir la verdad, el periodista se halla en la obligación imperiosa de proclamarla: empeñado desde que usurpó el mando en alejar de la mente de los pueblos toda aspiración nacional de organización y de orden, Rosas no tenía muchas vías que elegir para llenar su objeto. Eligió la de la inmoralidad y del cinismo sin temor al extravío, porque se lanzaba persuadido que el abismo abierto por él no tendría fondo. El desorden y el desquicio son armas comunes que los tiranos han manejado siempre, porque no les importa tomar otras.<sup>31</sup>

Nos primeiros anos do exílio, esses jovens intelectuais articularam um discurso político marcado, muitas vezes, pela violência de uma linguagem. Eles escreveram para vários jornais e fundaram diversas publicações, muitas de breve duração e que saíram em pouquíssimas edições. Os títulos de alguns periódicos eram bem sugestivos: *El Grito Argentino*, *Muera Rosas* y *El Puñal*.

---

<sup>31</sup> *El Nacional* (Montevideu), 24/01/1839.



O semanário *Muera Rosas* começou a ser publicado em 23 de dezembro de 1841, em Montevidéu. Foi redigido por Gutiérrez, Mármol, Alberdi, Echeverría, entre outros. As edições apresentavam composições em versos que atacavam a Rosas e ao federalismo. Em cada número, era publicada uma lâmina que apresentava fortes críticas ao governante. Os desenhos eram feitos em Buenos Aires pelo coronel Antonio Somellera e depois remetidos para Montevidéu. Somellera e Dom Félix Tiola eram os responsáveis em distribuir a publicação na capital portenha. Os dois foram descobertos pelas autoridades rosistas, Somellera conseguiu escapar para o Uruguai, mas Tiola foi fuzilado. O episódio é um forte exemplo do uso do poder e da censura estabelecida pelo governo Rosas.<sup>32</sup>

Na primeira edição do semanário, o verso “*Grito del Pueblo*” proclamava que unitários e federais, todos aqueles que se vestiam de poncho e de fraque, deveriam esquecer inimizades e gritar liberdade e morte para Rosas. Em outra edição, o artigo “*Liga Litoral*” afirmava que os povos precisavam de lições profundas para se colocar de pé e que o litoral da região do Prata era um campo de revolução. O caráter panfletário e eloquente do periódico é observado em cada página. A todo instante frases conclamavam os leitores para realizar uma ação política violenta contra o tirano, como no editorial “*Represália! Represália!*”.

Ya es tiempo de que los libertadores den á la revolución lo que la revolución pide a gritos – la represália rigorosa. La lucha contra el vil tirano de Buenos Aires, no es ni puede ser considerada como una de las frecuentes guerras que han conmovido la República Argentina; es de un carácter nuevo, de un objeto nuevo también.

O tom violento da linguagem não era uma característica comum a todos os artigos do período, havia uma divergência entre os exilados sobre a ação política que pretendiam empreender para derrubar Rosas. Enquanto vários jovens escreveram obras e organizaram uma oposição forte, outros defenderam uma

<sup>32</sup> O semanário utilizava para a composição das lâminas a imagem litográfica. O recurso chegou em Buenos Aires em meados da década de 1820 e começou a circular em publicações como *Museu Americano*, *el libro de todo el mundo*, de César H. Bacle, em 1835. Claudia Román assinala que a maioria das imagens publicadas nesses periódicos pertence a mais de um ilustrador, mas que os historiadores do jornalismo argentino atribuíram, unicamente, a Antonio Somellera a maior parte dessas gravações. Segundo a autora, a única marca que identifica Somellera era uma assinatura no rodapé das ilustrações, como a que aparece no retrato do governador Ferré de Corrientes no *Muera Rosas* de 14/03/1842. Para ver mais: BELTRÁN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*, p. 219; e MORENO, G., *El Periodismo Argentino*; ROMAN, C., *Caricatura y Política en El Grito Argentino (1839) y Muera Rosas (1841-1842)*. In: BATTICUORE, G. (Org.) *Ressonancias Romanticas*, p. 54.

missão mais “pedagógica” de esclarecer os cidadãos da necessidade de construir uma nova nação, uma nova identidade argentina, longe de um governo autoritário.

As críticas ao governo Rosas não foram proferidas apenas pelos jovens da geração de 1837. No Uruguai, um grupo de intelectuais do partido unitário já realizava uma oposição forte ao governante desde o início da década de 1830. Não foi por coincidência que Montevideu se tornou a primeira tribuna contra a ditadura *caudilla*. Intelectuais como Martín Rodríguez, Valetín Alsina, Salvador María del Carril, Juan Cruz e Florencio Varela já carregavam na tinta das suas *plumas* para travar uma oposição mais amarga e retórica em diversos jornais uruguaios. Os jovens de 1837 se integravam à batalha travada por esses homens. A oposição contra Rosas se ampliava e conquistava cada vez mais adeptos e partidários.

Nesse cenário, o jornalista Florencio Varela ocupou um lugar proeminente. Fundou o *Comercio del Plata*, o jornal foi o de maior duração na década de 1840. Os seus editoriais eram uma clara exposição dos conflitos que ocorriam na Região do Prata. William Ktra assinala que muitas das ideias da geração romântica foram debatidas por Varela. Seus artigos trataram de temas como a necessidade de uma livre navegação pelos rios e o estabelecimento de um plano estatal para atrair imigrantes europeus. Vicente F. López e Echeverría declararam que eram inegáveis as qualidades de Varela, mas que o dogma unitário e o ódio à figura de Rosas eram uma obsessão para o jornalista. Em 1848, Varela foi assassinado por um dos seguidores do governante de Buenos Aires.<sup>33</sup>

Uma das obras mais expressivas da propaganda política contra Rosas foi “*Rosas y sus opositores*” escrita por José Rivera Endarte, em 1843. O texto, publicado como uma série de artigos no periódico *El Nacional*, enumerava os diversos crimes atribuídos ao *caudillo* e afirmava que o governante deveria cair sobre o punhal de um libertador. Para Endarte, era uma ação santa matar Rosas.

Las palabras han perdido su significación natural. Tienen otras que las ha dado el tirano. Los periódicos mienten con impudencia y desafían a que pruebe la mentira

---

<sup>33</sup> Com a morte de Florencio Varela, Don Valetín Alsina assumiu a direção do jornal. *Comercio del Plata* teve 3.547 números publicados em Montevideu. Em 1848, uma ordem policial deu fim ao periódico. Ele reapareceu em Buenos Aires, em 1859.

el mismo pueblo testigo de ella. Se llama ao pícaro honrado, y ladrón, asesino, perverso al hombre de bien.<sup>34</sup>

Endarte intitulou de “*Tablas de Sangre*” uma lista em ordem alfabética com os assassinatos cometidos pelo governante. Para o autor, as execuções da época de Rosas recaíam sobre pessoas inocentes que sofreram tortura e prisão sem direito a qualquer julgamento. O tom violento da obra foi criticado por vários intelectuais da geração como Mitre e Sarmiento. Um dos ataques mais severos veio de Alberdi que declarou: “*La libertad es demasiado bella para tener por padre al crimen*”.<sup>35</sup> Endarte também afirmou acreditar no poder da imprensa para sensibilizar a ação de outras nações na batalha contra o poder de Buenos Aires. Nos jornais não cessavam os artigos contra o governante. Também no *El Nacional*, André Lamas escreveu vários editoriais sobre o tema com o título *Apuntes sobre las agresiones del Dictador Argentino D. Juan Manuel Rosas*.

Durante o exílio, esses escritores experimentaram um ambiente favorável para a produção intelectual. A atuação na imprensa foi um fator determinante para a profissionalização como periodistas de vários integrantes da geração de 1837. Nessa época, o jornalismo era exercido por advogados, médicos, políticos e até mesmo por aqueles que se formaram nas redações. Os jornais possuíam um caráter panfletário, os artigos eram carregados de idealismo. Redatores e editores tinham paixão em expressar e divulgar seus ideais. Muitos foram jornalistas de ocasião, marcados não apenas pelas condições históricas que o cercavam, como pelas suas próprias habilidades com a escrita, que os transformavam em poderosos interlocutores para o debate político da época.

Em cidades como Santiago, Valparaíso e Montevídeu, eles encontraram um campo relativamente livre para exercer posições de muita visibilidade com pouca idade. Sarmiento começou a escrever nos jornais chilenos, aos 19 anos, mas antes já havia publicado o periódico *El Zonda*, na província de San Juan. Mitre, que foi outro importante protagonista da história da Argentina, publicou o seu primeiro artigo aos 17 anos no *El Iniciador* de Montevídeu. Aos poucos, durante a década de 1840, as expressões virulentas e os ataques constantes à figura do *caudillo*

---

<sup>34</sup> ENDARTE, J. R., *Rosas y sus Opositores*, p. 310.

<sup>35</sup> Rivera Indarte morreu de tuberculose em 19 de agosto de 1845.

cederam espaço para projetos e discursos políticos mais elaborados, porém as críticas não cessaram. Os intelectuais da geração de 1837 retratavam as condições históricas e geográficas com as quais os autores se deparavam pelo continente. Nesse período, foram escritas as obras mais importantes dos membros da geração romântica, entre elas: *América Poética* (1847/1846) de Gutiérrez; *Facundo: Civilização e Barbárie* (1845), *Los Recuerdos de la Provincia* (1851) de Sarmiento; *Bases y Puntos de partida para la organización política de La República Argentina* (1852) de Alberdi.

O impacto dos ideais da geração de 1837 alcançou também as províncias e a censura do governo Rosas não ficou restrita apenas a capital de Buenos Aires. Em 1839, apareceu o jornal *El Zonda* em San Juan. O então jovem periodista Sarmiento chegou a publicar nas páginas do periódico títulos com “*Vivas a Federación!*”, numa forte crítica ao governo estabelecido.

## 2.5. “El Zonda”: o vento forte da província <sup>36</sup>

Na província argentina de San Juan, em meados da década de 1830, foi criada uma sociedade literária formada por Sarmiento, Quiroga Rosas, Antonio Aberastain, Indalencio Cortínez e os irmãos Franklin e Guillermo Rawson. O grupo se reunia com frequência para discutir textos clássicos de história, filosofia e literatura. Quiroga Rosas e Antonio Aberastain regressaram para San Juan, em 1838, depois de terem participado das reuniões do *Salão Literário* de Buenos Aires. A proposta desses homens era levar para as províncias o debate de ideais, propor a criação de grupos literários e a fundação de uma imprensa mais consistente para regiões distantes como Tucumán, Córdoba, Corrientes e Cuyo<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> “*El Zonda*” era conhecido como um vento forte na região da província. Na própria descrição de Sarmiento, publicada na primeira edição do periódico, em 10/08/1839: “ZONDA es un viento abrasador, impetuoso, dijo otro, que destruye lo que no está bien arraigado, cuyos vanos esfuerzos se estrellan inútilmente contra las rocas y los edificios sólidos; que agosta las plantas y desgaja los árboles robustos.”

<sup>37</sup> Em 1840, foram criados outros importantes jornais nas províncias como: *El Pueblo Libertador*, em Corrientes, por Juan Thompson; e *El Estandarte Nacional* de Vicente Fidel López que teve 11 números publicados em Córdoba. Até 1852, quando Rosas saiu do poder depois que foi derrotado na Batalha de Caseros, foram criados, em San Juan, os seguintes títulos: *El Republicano*, *El Honor Cuyano*, *El Hijo de Mayo* e *La Libertad*.

Em San Juan, eles acreditaram que para estimular o debate político era essencial a criação de uma escola e a publicação de um periódico. Assim, o colégio de Pensionistas de Santa Rosa, apenas para senhoras, foi inaugurado em 9 de julho de 1839, e o jornal apareceu poucos dias depois.

A redação do *El Zonda* foi formada pelos mesmos integrantes da sociedade literária, mas era Sarmiento que dedicava a maior parte do seu tempo ao jornal. Alguns autores indicam que ele escreveu quase todo sozinho, número por número.<sup>38</sup> O estilo inconfundível do jovem san juanino, então com 18 anos, era impresso a cada edição do semanário. No primeiro número, um editorial afirmava que, em San Juan, os periódicos apareciam como uma planta exótica, mas que logo em seguida desapareceria do solo, porque o clima na província era fatal. Com *El Zonda* não foi diferente, os editores não se preocuparam de imediato com os meios para sustentar a publicação. O artigo “*Bancarrota*” apontava a escassez de assinaturas para viabilizar a empresa editorial que haviam iniciado. A ironia de alguns textos, como os que assinalavam o movimento da prisão na região, provocaram também a pouca simpatia do *caudillo*, D. Nazario Benavídez, governador da província.

Nos proponemos publicar semanalmente el movimiento de la cárcel y número de presos que existen en ella. Sería de desear que los SS. jueces, al mandar presos a ella los clasificasen, indicando su crimen, o son simples arrestados, o bien condenados a este castigo, para evitar así los tropiezos que resultan de ignorar el alcalde o el juez de policía la clase de precauciones que con ellos deban tomarse, siendo de costumbre sacarlos, casi sin distinción a las obras públicas.<sup>39</sup>

Ao atribuir ao periódico o nome de um vento forte na região, esses jovens pretendiam criar um jornal, como eles próprios definiam, que fosse ao mesmo tempo: “pacífico, abrasador, refrigerante, impetuoso, tranquilo, alegre, agreste, social, fastidioso, variado, monótono, divertido, pesado, saludable, dañoso; es decir, bueno, malo, como lo pida el marchante”.<sup>40</sup> A imprensa era um instrumento para promover a civilização frente a barbárie, para difundir as ideias para uma nova nação. Essa era a crença principal de Sarmiento que foi expressa já no seu

<sup>38</sup> Cf. BELTRÁN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*, p.337.

<sup>39</sup> Em todas as citações foram mantidas as grafias originais do autor. A referência sempre aparecerá em espanhol e com algumas palavras escritas com uma grafia bem distinta da ortografia atual. *El Zonda*, 01/08/1839.

<sup>40</sup> *El Zonda*, 20/07/1839.

primeiro jornal com o artigo “*¿Los que es pues un periódico?*”. Ao se questionar sobre o conteúdo dos periódicos, assinalava que os jornais ofereciam mais do que notícias de países desconhecidos, decretos do governo, anúncios da polícia; eram mais do que uma folha de papel, cheia de pedaços, obras sem capítulos, sem prólogo, repletas das circunstâncias do momento. Ele afirmava que as publicações periódicas deveriam instruir os cidadãos das questões políticas, mostrar a luta que governos travavam pela liberdade e pela civilização contra as ideias remanescentes do feudalismo e da Idade Média. Tinham também a função de revelar a constância de um governo quando esse contava com o apoio da opinião pública em defesa de uma causa sagrada.

*¿Qué es, pues, un periódico? Un periódico es pues todo, el gobierno, la administración, el pueblo, el comercio, la junta, el bloqueo, la patria, la ciencia, la Europa, el Asia, el mundo entero, todo. Un periódico es el hombre, el ciudadano, la civilización, el cielo, la tierra, lo pasado, lo presente, los crímenes, las grandes acciones, la buena o la mala administración, las necesidades del individuo, la misión del gobierno, la historia contemporánea, la historia de todos los tiempos, el siglo presente, la humanidad en general, la medida de la civilización de un pueblo.*<sup>41</sup>

Nas páginas do semanário, alguns artigos também criticavam a postura das autoridades que temiam o conteúdo do *El Zonda*. O texto “*¿Qué es, pues, un periódico?*” destacava ainda que muitos não acreditavam nos benefícios que poderiam trazer as publicações periódicas. Os homens de poder da província queriam evitar que se falasse sobre o povoado, que se comunicasse as ideias, queriam evitar uma discussão pública para a melhoria dos costumes, do comércio, da indústria e da educação na região. Para se defender, os redatores afirmaram no jornal que suas pretensões eram apenas discutir a realidade local, tinham um caráter social e não político. Até a última edição, não foram feitos qualquer ataque a figura do governador da província. Mas os ideais e as convicções políticas desses jovens eram impressas a cada texto do *El Zonda*. Sarmiento e seus companheiros acreditavam que para a nação que estava nascendo, o papel da imprensa era fundamental.

En el difícil oficio de gobernarse a sí mismo; que necesita formarse costumbres nuevas, que su agricultura está sin desarrollarse aún, su comercio sin mercados lucrativos, sus artes e industria sin nacer; en un país que ha sido educado para otros

<sup>41</sup> O artigo “*¿Qué es, pues, un periódico?*” foi publicado em duas partes no jornal nos dias 10 e 17/08/1839. Referência: *El Zonda*, 10/08/1839.

finés que lo que es hoy trata de alcanzar; en un país lejano de las costas, para comunicar inmediatamente con el pensamiento europeo, en un país naciente, un periódico debe abrazarlo todo, y ocuparse de todo. Es fácil inferir que la tarea que hemos emprendido en el nuestro es superior a la capacidad con que contamos, o los rudos quieran suponernos.<sup>42</sup>

Na última edição do periódico, Sarmiento afirmou que o representante de uma nação e de um povoado precisava compreender os anseios da “opinión pública”. O trecho representa uma das poucas vezes que o autor destacou a expressão nos escritos do *El Zonda*. Nesse contexto, o jornalista atribuiu ao termo o significado de um juízo comum, a ideia que emana que um grupo de cidadãos que vivem numa mesma cidade, que funcionaria como uma tribuna do público. Nas outras referências realizadas pelo autor não era possível contextualizar o significado do termo na época.

En los principios abstractos, en esos principios que afectan a toda la humanidad, la única fuente de verdad, la base indudable de certidumbre, es el juicio universal. En esos principios generales, pero que sólo coinciden con los intereses de una república, el único criterio de verdad, es el juicio común. Y una república no es tal, sino cuando su gobierno hace lo que ella piensa y quiere; y un pueblo, no es un pueblo digno, sino cuando el que lo representa, ejecuta lo que la opinión pública piensa, y quiere. Este es el fundamento verdadero de una república, de un pueblo dignamente demócrata.<sup>43</sup>

Após seis edições, o *El Zonda* foi suspenso. A única prensa de San Juan era de propriedade pública e as autoridades passaram a cobrar uma taxa extra pela impressão, o que inviabilizou a publicação de mais números do periódico. Mais tarde, em 1851, no livro *Recuerdos de Provincia*, o próprio Sarmiento relembrou o episódio e destacaria o papel do governador Benevídez ao querer livrar a província dos males que poderia acarretar a publicação de um jornal redigido por quatro homens de letras.

El Gobernador de San Juan, queriendo librar a la provincia de los graves males que podría acarrearle la publicacion de un periódico, redactado por cuatro hombres de letras, muy competentes; esto es, para no tener quien examinase sus actos ni ilustrase la opinion pública, mandóme decir que valia doce pesos el pliego de papel impreso, desde el número 6.º del Zonda adelante. Ordené al impresor que tirase el tal número i el Zonda murió así sofocado.<sup>44</sup>

O último número traz o artigo “*Testamento*” que de forma irônica apresenta os bens legados para posteridade do jornal, que dispõe de manuscritos

<sup>42</sup> *El Zonda*, 17/08/1839.

<sup>43</sup> *El Zonda*, 25/08/1839.

<sup>44</sup> SARMIENTO, D. F., *Recuerdos de Provincia*. Reprodução digital da primeira edição da obra.

importantes para beneficiar aos cidadãos e ao povoado. Desde a publicação do *El Zonda*, nenhum dos integrantes da Associação foram bem vistos pelas autoridades na província. Sarmineto saiu exilado para o Chile em 19 de novembro de 1840. O autor relata em *Facundo – civilização e barbárie* que ao deixar sua pátria escreveu com carvão numa frase: *On ne tue point les idées*. A frase foi utilizada pelo autor como epígrafe da obra e foi traduzida como “Bárbaros, as ideias não se degolam!”, era um recado ao tirano Rosas e uma antecipação das severas críticas que Sarmiento publicaria na imprensa chilena.

O historiador William Katra assinala que a realização de atividades como a criação do *El Zonda* colocam em evidência o objetivo desses jovens de levar as doutrinas para as províncias. Segundo Katra, a trajetória de Sarmiento é o exemplo mais claro do êxito da geração. Os escritos do periodista posteriores a 1838 foram um resultado direto do contato com a Associação e das lições que tomou com os livros da biblioteca de Quiroga Rosas naquela época. Ao deixar San Juan e sair para exílio, Sarmiento deu início a sua trajetória como periodista e homem público.

## **2.6. Sarmiento periodista: “*las ideas no tienen patria*”**

Durante o período que esteve no exílio, Sarmiento foi um dos intelectuais que mais analisou o papel desempenhado pelos jornais e apontou a sua relação direta com a política. Seus escritos carregados, muitas vezes, de ironia e de uma crítica contundente, estão repletos das discussões do momento. O jovem de San Juan apostou no jornalismo como ofício. Ele compreendeu, melhor do que qualquer outro integrante da sua geração, o papel das publicações periódicas como um meio para divulgar seus projetos, persuadir e influenciar a população. Todas essas características associadas a uma prosa marcante, transformaram Sarmiento em um escritor influente no seu tempo.

A carreira no jornalismo abarcou toda a trajetória do san juanino, que foi privado de uma educação formal em consequência da infância pobre na província. Sarmiento converteu-se ao longo dos anos em um autodidata e, para se justificar



de uma origem humilde, tentou estabelecer laços de parentesco em famílias ilustres na região de Cuyo e do Chile. Essa parte da história de Sarmiento foi alvo de inúmeras críticas dos seus inimigos, mas não o impediu de se transformar em um dos nomes mais expressivos no jornalismo e na política da época. Jorge Myers destaca:

Periodista nato, dueño de una pluma ágil e versátil, poseedor de un utillaje cultural lo suficientemente universal como para asumir la función de un publicista culto sin aburrir a sus lectores con un exceso de erudición ni profundidad filosófica, empinado sobre todos los acontecimientos de su época – desde los más triviales, materia de la crónica policial, hasta los más resonantes, como las revoluciones y la procesión de la alta política de los gabinetes europeos.<sup>45</sup>

Para William Katra, as habilidades de Sarmiento na imprensa fizeram com que ele conquistasse rapidamente a confiança nos círculos conservadores chilenos. Os bons resultados a frente da escola normal de Santiago, as viagens para a Europa e os Estados Unidos atrás de modelos educacionais a serem implantados na América, foram alguns dos êxitos que tornaram o jovem de San Juan em um reconhecido periodista e também em um homem forte da ação política.

O autor Leopoldo Lugones assinala que Sarmiento foi um reconhecido periodista antes de ser autor de obras expressivas sobre a Argentina e a América no século XIX. Os defeitos e as qualidades mais marcantes do texto do jovem sanjuanino estavam diretamente relacionadas ao exercício do jornalismo como ofício. Lugones também assinala que os escritos de Sarmiento eram marcados pela propaganda de uma civilização proveniente de um forte amor a pátria. Seus artigos revelam detalhes das circunstâncias do momento, reproduzem as paisagens, os homens, as ideias e as turbulências políticas que marcaram toda uma geração.

Sarmiento transformó efectivamente la prensa americana. Sus artículos, que conservaban el aspecto denso y la longitud, ahora excesiva, de los desarrollos doctrinarios, compónense de hechos y ideas. La vanilocuencia del teorismo y de la injuria ha pasado. Queda solo el casco repleto en el tempestuoso desarbollo del buque, producido por los huracanes políticos. Aquellos artículos macizos como

---

<sup>45</sup> MYERS, J., (Prólogo). *La Contudencia Ambivalente*: Sarmiento, Republicano, Liberal y Conservador, en la Disputa por la Construcción de la Nación. In: *El Pensamiento de Domingo Faustino Sarmiento*, p.15.

vigas son la andamiada de la nacionalidad futura; e en ellos alenten ó canta al pasar la genuína poesía de recuerdo o de la esperanza.<sup>46</sup>

Na época, a imprensa representava a opinião pública e expressava os princípios liberais que se propagavam cada vez mais entre os membros da elite intelectual. O cenário em Buenos Aires e nas províncias retratava, exatamente, como a liberdade de imprensa foi clamada e, muitas vezes, suplantada por governos que, ao argumentar em defesa de uma ordem pública, providenciavam mecanismos para suspender garantias constitucionais, como o direito de impressão e a liberdade de opinião.

No Chile, o panorama editorial era bem diferente de Buenos Aires. Iván Jaksic mostra que a população chilena estava acostumada ao jornalismo político e se deparava com frequência com diferentes opiniões e posições partidárias. Jaksic afirma que as confrontações políticas favoreciam o crescimento da atividade jornalística, porém, a maioria dos jornais surgiam em períodos de grande agitação social e eram apenas panfletos. Nesse momentos, poucas publicações se dedicavam a tarefa de cobrir as notícias e se aprofundar em temas que fomentavam o debate público. O tom do jornalismo era de beligerância, sectarismo e calúnia. O próprio Sarmiento descreveu um cenário de grande profusão de periódicos, em Santiago, no artigo publicado no jornal *El Mercurio* no dia 22 de abril de 1841.

¡Que baraúnda de periódicos, observaciones, bosquejos i refutaciones! ¡Si ya no nos entendemos en esta Santiago!(...) Esta mañana salia a mis diligencias i empiezo a oír la gritadera: Guerra a la tiranía... Sal pualmudes... El Veterano... Membrillos grandes i buenos... El Comilon... Uva Negra... Uva Blanca... El Bosquejo... En cada esquina hay un cartelon. Me acerco, de paso, a uno al que los muchachos le han arrancado toto un costado; leo los letrones labrados... quejo de la Republica... está bueno, se queja... sus destinos futuros... Ai! No son muy claros... esquina de Ramos... liberal... de los teatinos... Cáspita! ¡Teatinos liberales o liberal de los teatinos! ¡Que siglo este! El siglo de las transiciones. ¡Cómo marchan los progresos! Que un teatino se haga liberal, comprendo; pero que un liberal sea de los teatinos, qué escándalo!<sup>47</sup>

Sarmiento acreditava que os jornais tinham o dever de educar o público e chamar a atenção de governos e da população para questões que careciam de

<sup>46</sup> LUGONES, L., *Historia de Sarmiento*, p. 153.

<sup>47</sup> Segundo o Dicionário da Real Academia Española, a palavra “teatino” designa todos aqueles que pertencem a ordem religiosa fundada por San Cayetano de Thiene em 1524. A expressão também era atribuída, equivocadamente, aos padres da Companhia de Jesus.

reformas. No entanto, o tom virulento de diversas folhas levaram a uma reflexão sobre os limites dos periódicos. Até onde era permitido ir com a liberdade de imprensa? A questão foi debatida pelo próprio Sarmiento que se tornou o próprio alvo de calúnias de publicações como *El Desmascarado* de Santiago e *La Ilustración Argentina*, da província de Mendoza. Por sua atuação na imprensa, o jovem san juanino conquistava tanto admiradores, como inimigos.

Sarmiento chegou no Chile, em 1841, e escreveu para vários jornais como: *El Nacional*, *El Mercurio*, *El Heraldo Argentino*, *El Progreso*, *La Crónica*, *La Tribuna*, *Sud-América* e *Consejero del Pueblo*. O primeiro texto de Sarmiento foi publicado no *El Mercurio* de Valparaíso e falava sobre a batalha de Chacabuco, um dos confrontos decisivos para a independência do Chile. A matéria chamou a atenção de nomes importantes das letras chilenas como André Bellos e seu discípulo, José Victorino Lastarria. Em pouco tempo o argentino, deu início a um debate nos jornais que ficou conhecido como “As polêmicas do Romantismo”. Ele defendia uma posição contrária a utilização rígida da gramática espanhola. Afirmava que um povo era a expressão de suas ideias e que deveria tomá-las onde elas estivessem.

A atuação de Sarmiento na imprensa também o aproximou do ministro Manuel Montt com quem o periodista manteve uma grande amizade. Durante todo o período no exílio, Sarmiento apostou nos jornais para avançar o programa político e ideológico que ele compartilhava com Montt, representante do partido conservador, conhecido como *pelucones*.

Em *Recuerdos de Província*, Sarmiento descreveu o primeiro encontro com Montt e o seu receio, como um estrangeiro, de representar interesses políticos na imprensa chilena. Ele lembrou a frase sentenciada pelo político durante a conversa: “As ideias, señor, no tienen patria”. Na mesma obra, o autor ressaltou que se fosse possível um escritor definir a si próprio, que ele destacaria todos os seus trabalhos na imprensa. O jovem de San Juan afirmava que para conhecer suas ideias e projetos, era preciso apenas observar sua contribuição na imprensa.

... Si fuera permitido a um escritor caracterizarse a si mismo, yo no trepidaria en señalar **los rasgos principales de mis trabajos en la prensa diária**. Salido de una provincia mediterranea de la República Arjentina, al estudiar a Chile, habia

encontrado, no sin sorpresa, la similitud de toda a América española, que el espectáculo lejano del Perú; Bolívia, no hacía más que confirmar. A principios de 1841 escribía en *El Nacional* estos conceptos: ‘Treinta años han transcurrido desde que inició la revolución americana; i no obstante haberse terminado gloriosamente la guerra de la independencia; vése tanta inconsistencia en las instituciones de los nuevos estados, tanto desorden, tan poca seguridad individual, tan limitado en unos i tan nulo en otros el progreso intelectual, material o moral de los pueblos, que los europeos... miran a la raza española, condenada a consumirse en guerras intestinas, a marcharse con todo o género de debitos i ofrecer um país despoblado i exhausto, como fácil presa de esa nueva colonización europea’. Este triste concepto forma el fondo filosofico de mis escritos, i se halla reproducido en *El Mercurio*, *El progreso*, *Viajes por Europa*, *La Cronica* etc; i sin duda que nadie me disputara en America la triste gloria de haber ajado mas la presunción, el orgullo y la immoralidad hispano-americana, persuadido de que ménos en las instituciones, que en las ideas i los sentimientos nacionales, es preciso obrar en América essa profunda revolución (...)

**El espíritu del escritor**, de un autor, cuando tiene un carácter marcado, es su arma, su alma, su esencia.<sup>48</sup>

O trecho escrito por Sarmiento era a síntese de algumas questões debatidas pelos intelectuais da geração de 1837. A guerra da independência, como apresenta o autor, ainda não havia terminado, existia no território argentino insegurança, desordem e uma inconsistência nas instituições. Esse cenário de instabilidade limitava o que era preciso construir na América: uma *revolução* no campo das ideias e nos sentimentos dos cidadãos argentinos. Sarmiento acreditava que a imprensa era a ferramenta que levava para a sociedade a educação e cultura que faltavam.

Sarmiento assinou artigos no *El Mercurio* de Valparaíso com pseudônimos como “Un vecino de Santiago”, “Un teniente de artillería” e “Pinganilla”. O último termo quer dizer uma pessoa sem importância e foi empregado pelo jornalista nos primeiros textos no Chile. Porém, ele logo abandonaria a expressão que não representava nem a sua escrita, nem a sua personalidade. Sarmiento contribuiu também para *El Nacional* de Santiago, na mesma época que escreveu para *El Mercurio*.<sup>49</sup> Em 1845, fundou o *El Progreso*, primeiro diário da imprensa chilena.

Nas páginas do *El Progreso*, Sarmiento proclamou uma das mais severas campanhas contra o governo de Buenos Aires, mas a crítica não ficaria restrita

<sup>48</sup> O trecho foi extraído do capítulo “Habla el escritor” do livro *Antología total de Sarmiento* de Gennán Berdiales. Tomo I, p. 80.

<sup>49</sup> *El Mercurio* é um dos periódicos de língua hispânica mais antigos do mundo. Foi fundado por Don Félix Vicuña e seu sócio, o tipógrafo inglês Thomas Wells. A primeira edição foi publicada em 12 de setembro de 1827.

apenas a essa administração. Na primeira edição do jornal, declarou que atacaria todos os tiranos americanos, não haveria uma só palavra que fosse favorável ao general Flores, do Equador; ao general Santa Cruz, da Bolívia; assim como ao general Rosas, da Argentina. Para Sarmiento, seria realizada uma guerra sem descanso e sem trégua contra todos eles. Mas Rosas seria o seu alvo principal e o de toda imprensa.

## 2.7. Nos escritos de Sarmiento: “*guerra a la tiranía*”

Artigos como “¿*Lo que es Rosas?*”, “*Confrontaciones singulares*”, “*Nuestro derecho de atacar Rosas*” e “*Rumores sobre política argentina*” oferecem uma amostra do teor das críticas publicadas nos jornais da época. O conteúdo dessas matérias revelam a ação da imprensa e o papel da opinião de Sarmiento diante da tarefa de derrubar o poder de Buenos Aires. Os textos foram publicados em abril de 1845 no *El Progreso*.

O primeiro texto revela que todos os diários do Chile estavam cheios de provas dos crimes cometidos pelo governo de Rosas. Sarmiento se ressentia pela falta de ação de outros povos americanos diante da administração rosista, que ele acreditava destruir não apenas seu país, mas o comércio estrangeiro e o espírito da liberdade. Para o periodista, os republicanos da América e todos aqueles que acreditavam no mesmo princípio político, precisavam defender a civilização contra a barbárie na Argentina. Ele proclamava que a tirania não poderia ser questionada e atacada apenas por ingleses e franceses que se encontravam na Região do Prata.

Nada hay tan triste como el ver que esta obra de regeneración sea abandonada en el Plata a pueblos de la Europa, que ni nuestro idioma conocen; mientras que en nuestras repúblicas parece que ni simpatías hubiera que dar al renacimiento de la libertad argentina.<sup>50</sup>

Os protestos de Sarmiento tornaram-se ainda mais violentos com a chegada do enviado do governo Rosas, Baldomero García. O objetivo da visita era convencer o então presidente chileno, general Bulnes, a controlar o conteúdo da

<sup>50</sup> *El Progreso*: “¿*Lo que es Rosas?*”, 11/04/1845.

imprensa. No artigo “*Confrontaciones singulares*”, Sarmiento assinalou a visita oficial e a atuação da imprensa chilena, que tentou se unir em um protesto comum contra o governante argentino. Rosas era notícia nas páginas de quase todos os periódicos chilenos: *El Telégrafo*, *La Gaceta de Valparaíso*, *El Siglo*, *El Republicano* e *La Revista Católica*. As críticas não estavam mais restritas aos exilados, era unânime a preocupação que o *caudillo* despertava. Os escritores em defesa das suas ideias, procuravam comparar as doutrinas, a linguagem e as visões dos seus inimigos e adversários ao comportamento de Rosas.

¿Qué podríamos añadir nosotros a estas manifestaciones del sentimiento nacional, tan preñadas de execración contra el poder ominoso de Rosas? Los periódicos mas opuestos en principios, los amigos y los enemigos del gobierno, hasta el órgano respetable del clero, todos, todos se han reunido esta vez para alzar su voz omnipotente contra la presuncion siquiera de simpatizar con el horrible despotismo que pesa sobre aquella desgraciada República. Los partidos rivales no pueden inventar otro dicitrio mas afrentoso para sus enemigos que assimilarlos con Rosas y su politica.<sup>51</sup>

Para o periodista, a liberdade inspirou diferentes vozes para criticar o governo de Buenos Aires, mesmo diante de todas as antipatías, os rancores e as posições políticas que dividiam a imprensa naquele momento. O próprio Sarmiento viu o seu jornal *El Progreso* ser comparado aos periódicos de Rosas. No *El Siglo* foi publicado: “Apela al sarcasmo, i al resorte vil de prostituir la prensa con groserías dignas de los periodicos de Rosas, a quién El progreso deviera servir, ántes que al ministro do Chile”.

Na última edição do jornal *El Republicano*, o título do periódico de Sarmiento aparece associado ao nome da gazeta de Buenos Aires: *El Progreso La Gaceta Mercantil*. O texto destacava que no Chile era possível visualizar os excessos do poder organizado por Rosas e os vestígios de um governo que se levantou contra o patriotismo e a ilustração das massas, deixando a sociedade argentina restrita a ignorância e o servilismo.

Todas essas comparações e ataques ao *El Progreso* foram categorizadas por Sarmiento como mentiras e implicações exageradas. A surpresa do autor foi observar que diferentes órgãos de imprensa compartilhavam o mesmo ódio e

<sup>51</sup> *El Progreso*: “*Confrontaciones singulares*”, 22/04/1845.

desprezo pelo governante. Para Sarmiento, não haveria ataque maior do que compará-lo a figura do *caudillo*.

Pero es tal la preocupación nacional, tan unánime el sentimiento de odio de todas las clases y de todos los hombres, que los escritores para esplotar en favor de sus ideas la preocupación de los espíritus, comparan las doctrinas, lenguaje y miras de sus adversarios con las de Rosas, a fin de hacerles participar del odio y desprecio que inspira, como en los tiempos de fanatismo se llamaba judío ao enemigo. En honor del sentimiento nacional ofendido, debemos aplaudir este rasgo de la dignidad de todos los escritores que, por opuestos que sean en miras e intereses, están de acuerdo en enviar sus maldiciones a ese escandalo y verguenza de la América.<sup>52</sup>

Segundo o periodista, o enviado de Rosas não era um hóspede convidado, era o representante de um inimigo que imobilizou as publicações periódicas para não ser atacado. O Chile apresentava um outro cenário, desde que a liberdade de imprensa foi proclamada pelo Senado em 1811, o direito de expressar a opinião e publicar ideias políticas se tornou uma realidade no país. Nas ruas da capital chilena ouviam-se a multiplicidade de vozes, cada grito defendendo seu próprio partido. Qualquer agitação social favorecia o aparecimento de uma autêntica “baraúnda de periódicos”, como assinalou o próprio Sarmiento.

No artigo “*Nuestro derecho de atacar Rosas*”, Sarmiento rebateu os argumentos de García que insistia em estabelecer no Chile uma punição severa a editores e redatores que publicassem críticas ao governo argentino. Na ocasião, o pedido de García levou a publicação de um editorial escrito por André Bellos no *El Araucano*, em 25 de abril. Bellos, que era oficial de Relações Exteriores, afirmava que o governo chileno não fazia parte dos ataques feitos pelos jornais e não existia no país andino qualquer restrição ao conteúdo das páginas impressas. O *El Progreso*, ao defender a posição de Bellos, destacou que nenhum redator estaria disposto a sacrificar o seu espaço de liberdade. Nas páginas, Sarmiento defendia:

Si los ataques dirigidos a Rosas son punibles por la lei de imprenta y su enviado reclama, nosotros le pediremos que nos muestre los reclamos que ha hecho en Francia y Inglaterra contra los diarios que lo atacan y denigran con mas acritud que nosotros, no obstante que aquellos gobiernos están en paz con él, y el nuestro. (...) Por los demás, si no somos tan moderados como otros escritores; se no miramos el interes del país como ellos lo miran, de esto no somos responsables sino a Dios, a

<sup>52</sup> *El Progreso*: “*Confrontaciones singulares*”, 22/04/1845.

nuestra propia consciencia, y a la ley de imprenta, únicos jueces de nuestra opinión.<sup>53</sup>

As tentativas do enviado de Buenos Aires em comprar colunas na imprensa chilena para diminuir a ação da campanha contra Rosas também foram criticadas por Sarmiento. No artigo “*Rumores sobre política Argentina*”, ele conta que as colunas do *El Siglo* foram solicitadas para fazer ecos da *Gazeta Mercantil*, periódico argentino redigido por Pedro Di Angelis,<sup>54</sup> que tinha como missão elogiar o governo e divulgar notícias oficiais. No entanto, Sarmiento afirmou que os editores do *El Siglo* recusaram a oferta, até mesmo a de comprar a imprensa para publicar um novo jornal. Segundo o artigo, também havia rumores de que escritores chilenos foram procurados para escrever a favor de Rosas, mas nenhum jornalista aderiu a proposta.

Outro forte ataque realizado contra Rosas foi a publicação mais expressiva de toda a trajetória de Sarmiento: “*Facundo – Civilização e Barbárie*”. Os capítulos foram publicados no formato de fascículo no jornal *El Progreso* e destacavam a biografia de Facundo Quiroga, *caudillo* da província de La Rioja, que morreu assassinado em 1835. No texto, ele não só reforçou todas as críticas ao governo de Buenos Aires, publicadas anteriormente, como também apontou o papel da imprensa como uma instância civilizadora diante de um modelo político para a construção da nova Argentina.<sup>55</sup>

Para Sarmiento, uma das tarefas da imprensa era, exatamente, aproximar as duas civilizações que conviviam na Argentina, uma que acreditava estar

<sup>53</sup> *El Progreso*: “*Nuestro derecho de atacar Rosas*”, 28/04/1845.

<sup>54</sup> Pedro de Angelis era napolitano, defendeu na Europa a causa liberal e veio para Buenos Aires através de um convite do presidente Rivadavia, que o conheceu em Paris. Di Angelis colaborou na imprensa para a administração de diversos políticos argentinos como Rivadavia, Dorrego, Lavalle, Viamonte e Rosas. O jornalista se tornou o principal interlocutor do regime rosista e morreu na miséria em 1859. Ver: QUIRÓS, P. G. B., *Civilidad y Política en los Orígenes de la Nación Argentina*. Las Sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862, p. 174.

<sup>55</sup> Ha inúmeros estudos que analisam com maior profundidade essa obra de Sarmiento. No trabalho, assinala apenas como o san juanino abordou a questão da imprensa em *Facundo*. No Brasil, há alguns trabalhos relevantes sobre o livro. É importante destacar a introdução escrita pela historiadora Maria Lígia Prado, na edição publicada em português pela Editora Vozes, que traz uma boa contextualização do texto diante da realidade argentina naquele momento. Outra pesquisa sobre o conceito de civilização apresentado pelo periodista foi realizada por Maria Elisa Noronha de Sá Mäder na tese de doutorado: *Civilização e Barbárie: a Representação da Nação nos Textos de Sarmiento e Visconde do Uruguai de 2006*.



estacionada na Idade Média e outra que buscava acompanhar os avanços da modernidade, do progresso.

En la República Argentina se ven a un tiempo dos civilizaciones distintas en un mismo suelo: una naciente, que, sin conocimiento de lo que tiene sobre su cabeza, esta remedando los esfuerzos ingenuos y populares de la Edad Media; otra que, sin cuidarse de lo que tiene a sus pies, intenta realizar los últimos resultados de civilización europea. El XIX y el siglo XII viven juntos: el uno, dentro de las ciudades; el otro, en las campañas.<sup>56</sup>

Sarmiento descreve que Rosas despedaçou a República e cravou em Buenos Aires a sua espada para destruir a civilização, as leis e a liberdade. Para ele, o *caudillo* acorrentou a imprensa e amordaçou o pensamento para que não fossem mais discutidos os interesses da pátria. A ilustração e a instrução revelariam para a população o cenário autoritário e os crimes do governo.

¿Ha encadenado a la prensa y puesto una mordaza al pensamiento para que no discuta los intereses de la patria, para que no se ilustre y instrua, para que no revele los crímenes horribles que ha cometido, y que nadie quiere creer, a fuerza de ser espantosos e inauditos? ¡Insensato! ¿Qué es lo que has hecho? Los gritos que quieres ahogar cortando la garganta, para que por la herida se escape la voz y no lleguen a los labios, resuenan, hoy, por toda la redondez de la tierra.<sup>57</sup>

Em *Facundo*, Sarmiento ressaltou que estender o benefício da imprensa a toda República era ampliar o número de livros, era favorecer o surgimento de publicações que estimulassem a indústria, a literatura, as artes e todos os trabalhos de inteligência. A imprensa era a ferramenta que contribuiria para a civilização de qualquer nação, silenciá-la significava permanecer na pior expressão da barbárie. “Não haveria desenvolvimento social e progresso nas artes, na indústria e no comércio sem periódicos”, dizia o san juanino.

Para o periodista, na época da independência, se Rosas estivesse no comando, a Argentina ainda estaria subjugada ao domínio espanhol. Em um dos seus primeiros textos publicados na imprensa chilena, no jornal *El Mercurio*, destacava que as palavras representavam as ideias e questionava: “¿Para qué se derramó tanta sangre española, si no habia de haber libertad?”<sup>58</sup>

<sup>56</sup> SARMIENTO, D. F., *Facundo – Civilização e Barbárie*, p. 5.1

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 255.

<sup>58</sup> *El Mercurio*: “Un jurado de imprenta”, 16/03/1841.

Ao analisar os textos de Sarmiento temos a impressão que ele lia quase tudo o que era publicado no momento, destacava artigos, contribuições e críticas de diferentes periódicos. Nesse período, o *lance* mais proferido nos seus escritos foi: “*guerra a tiranía*”. O tom do discurso foi ampliado por outros interlocutores em toda a Região do Prata. Um dos episódios que evidenciam essa apropriação é o fato dos escritores ao defenderem suas propostas, atribuírem aos seus inimigos comportamentos compatíveis aos de governos tiranos, como o de Rosas. A *ação* realizada por Sarmiento representou um estilo de retórica que pode ser compreendida como algo que se originou no interior de um discurso e se transformou em *performance* operada por diferentes autores e atores da cena política.

No mesmo período que escreveu vários artigos contra Rosas, Sarmiento também aprofundou o debate e a reflexão sobre as publicações periódicas. Através desses artigos podemos observar as características da imprensa naquele contexto e apontar a influência dos jornais na sociedade e na cena política da época.

## 2.8. “La mordacidad del libelo y la logica de la controversia”

No Chile, um dos primeiros artigos de Sarmiento sobre imprensa foi publicado no *El Mercurio*, com o título “*Un jurado de imprenta*”. No texto, Sarmiento discorreu sobre o cenário de um julgamento, no qual uma mulher acusada tinha o direito de expor sua defesa. O jornalista não explicitou em nenhum momento o teor da acusação, somente contextualizou a movimentação do tribunal e os gestos dos juízes e da platéia. Descreveu que diante de um discurso em defesa da liberdade de imprensa, o despotismo teria que ouvir o “*acento dos livres*”. A história contada por Sarmiento revelava o impacto de se colocar a imprensa no próprio banco dos réus. Nas palavras da acusada, o autor enfatizava e declarava sua própria guerra contra a tirania:

Yo hago la guerra a la tiranía; no como se ha visto nunca en Chile en estos malladados tiempos. (...) Tiranía futura, tiranía ideal, tiranía mil veces mas tiránica que la más horrorosa tiranía, i si por acaso caen aquí i allá puñadas, tajos e

reverses, ¿tengo yo la culpa? Tales son los desastres inevitables de la guerra; yo quiero ahogar al monstruo en su cuna.<sup>59</sup>

No artigo “*La prensa al menudeo*”,<sup>60</sup> Sarmiento chamou a atenção dos editores de várias publicações periódicas sobre o poder da calúnia impressa. Segundo o autor, não haveria um comentário trivial ou rumor ligeiro que ninguém percebesse. Afirmava que as palavras ardiavam como um tiro envenenado na reputação de um cidadão. Os comentários de Sarmiento sobre esses jornais tinham como cenário a disputa eleitoral de 1841, entre o partido liberal, representado por Joaquim Tocornal, e o conservador, defendido por Bulnes. O jornalista realizou na imprensa um forte apoio a eleição de Bulnes e criticaria todos os ataques ao candidato.

Na visão de Sarmiento, o patriotismo, a vingança, a inveja, a ambição, o medo, levavam os indivíduos a manifestar suas próprias convicções e posições políticas nos jornais. Com objetivos pontuais, essas publicações visavam apenas atacar ou criticar os personagens do momento. Um dos artigos mais importantes e extensos sobre imprensa foi “*El diarismo*” publicado no *El Nacional*.<sup>61</sup> No texto, Sarmiento assinalou que as sociedades modernas na América viviam tempos de mudanças, que se constituíam como “Estrañas Repúblicas” ou “Monarquias Republicanas”. Ele mostrava que tudo era transitório: ideias, instituições, formas, leis e opiniões. Segundo Sarmiento, a imprensa possuía a tarefa de representar o pensamento do dia, uma ação poderosa que possibilitava ao mundo conhecer o que era desconhecido. Os diários influenciavam a marcha da civilização; provocavam imensos avanços na cultura, nas artes e no comércio; mas causavam também outros males como a efervescência das paixões e o rancor de diferentes partidos. Essa “prensa política” era fortemente criticada por Sarmiento.

O jornalista descreveu que a escrita tomou o lugar da oralidade no debate público e que os jornais substituíram a tribuna e o púlpito. O diarismo possibilitava a formação da opinião, atuava também como uma permanente ameaça para os governos, que tinham todas as suas ações vigiadas pela imprensa.

<sup>59</sup> *El Mercurio*: “*Un jurado de imprenta*”, 16/03/1841.

<sup>60</sup> *El Mercurio*: “*La prensa al menudeo*”, 22/04/1841.

<sup>61</sup> O artigo foi publicado em duas partes no jornal *El Nacional* de Santiago nos dias 15 e 29/05/1841.

Para o autor san juanino, as sociedades hispano-americanas eram personificadas nos jornais naquele momento.

Ainda no artigo “*El diarismo*”, o autor apresentou um resumo com o panorama da história da imprensa na Europa e na América do Norte. Apontou o lançamento da primeira gazeta em Veneza, em 1531, e destacou as características das publicações que surgiram na Inglaterra e nas colônias inglesas no final do século XVII e em meados do XVIII. Ao enfatizar o periódico *Noticias Corrientes de la Nueva Inglaterra*, o primeiro com uma vertente revolucionária nas colônias do norte, mostrou como a publicação contribuiu para o debate público e estimulou os movimentos de emancipação na região.

A função dos periódicos franceses no século XVIII também foi analisada por Sarmiento. Ele afirmou que, no início, a imprensa na França não possuía nenhuma característica que estimulasse a mobilização social. Somente com a Revolução Francesa que a política ganhou expressão nos periódicos e colocou ao alcance de todos doutrinas que ensaiavam a formação de um novo governo. Para Sarmiento, a imprensa realizava assim a incontestável tarefa de despertar o espírito público.

O san juanino assinalou ainda que na França, políticos, historiadores, filósofos, literatos emprestaram os seus talentos para as publicações periódicas. Homens como François Mignet, Pierre Dupin, François Guizot, Villemain e Narcisse Salvandy, saíram das redações dos diários para ocupar posições ministeriais ou cargos em escolas de ensino público. Uma trajetória muito parecida com a que seria traçada pelo próprio Sarmiento.

Após descrever o diarismo na França e na América do Norte, o periodista comentou a situação das colônias espanholas que durante anos não tiveram imprensa, ou qualquer prática que estimulasse o debate público. Segundo Sarmiento, somente com a invasão inglesa nas costas do Rio Prata, em Montevídeu, que a população despertou para o espírito de liberdade. Os bons resultados das revoluções americanas e as novas doutrinas, que circulavam a partir dos livros franceses, fizeram com que alguns “patriotas” lutassem para conquistar sua independência política. Para ele, foi através do periódico *Estrella del Sud*, de

1806, que esses homens conseguiram fazer com que suas propostas políticas alcançassem mais indivíduos.

El diarismo de entoces debia necesariamente resentirse de las ideas y necesidades de la epoca. Improvisado para exaltar las pasiones de una sociedad medio muerta por su anterior nulidad política, concitando el odio contra nuestros antiguos dominadores, y difundiendo ideas que mas tendian a destruir lo pasado, que a echar los cimientos del nuevo edificio que habia de levantarse sobre sus ruinas, pues que esta ultima tarea estaba confinada a la espada y a los campos de batalla; su lenguaje debia ser amargo, y la exaltada declamación del patriotismo su medio favorito.<sup>62</sup>

Sarmiento dizia que não era possível falar de revolução, sem destacar o papel que as publicações periódicas exerceram na época. Os jornais eram uma ferramenta nova e temerária. O fato das populações nunca terem se interessado em ouvir os proclamas de um governo, poderiam levá-las a dar crédito ao primeiro demagogo que surgisse. Porém, Sarmiento enfatizava que não haveria liberdade civil, sem a absoluta liberdade de imprensa.

La prensa periódica tiene sus instintos peculiares que la hacen siempre impetuosa, ardiente en sus reproches, y turbulenta en sus medios de acción; mas a este rasgo jeneral reune otros, aquí nascidos de circunstancias que se ligan a nuestro estado de civilización y de incuria. El periódico, improvisado com miras accidentales, necesita irritar las pasiones, sublevar temores y desconfianzas, y aun ofender a las personas que perjudican a sus intereses. Sirviendo una mira política, los principios mas sagrados son forzados a suscribir y apoyar los intereses de un partido o de un candidato. La declamación más exajerada y virulenta, hace el fondo de estos escritos, y las palabras tiranía, despotismo, embarazan cada reglón y forman el fondo de cada página; porque se necesitan grandes estímulos para mover los ánimos indiferentes.<sup>63</sup>

Em contrapartida, Sarmiento também ressaltou que o vício da imprensa era a falta de medida, a carência de princípios claros e seguros, que poderiam favorecer interesses de determinados partidos, formando a consciência pública e ilustrando a opinião. Os artigos poderiam ser ferinos nos seus golpes, apresentar uma linguagem mais acalorada e quanto melhor desempenhava essa tarefa, mais encantavam aos leitores.

Es honroso para nosotros que la libertad e imprenta haya obtenido triunfos tan señalados i haya logrado mantenerse ilesa, aún en circunstancias espinosas; mas para que esto sea un bien duradero, preciso es que el diarismo descienda a las costumbres, i sea una necesidad ordinaria de la vida, abrazando todas las

<sup>62</sup> *El Nacional*: “*El diarismo*”, 15/05/1841.

<sup>63</sup> *El Nacional*: “*El diarismo*”, 29/05/1841.

ramificaciones de la sociedad, y formando el cartel de todas las opiniones, de todos los intereses y de todas las necesidades del individuo.<sup>64</sup>

Após as eleições de 1841, Sarmiento voltou a analisar as publicações de Santiago no artigo “*Sobre la lectura de los periódicos*”, publicado em duas partes no jornal *El Mercurio*. O cenário na capital chilena era um pouco diferente, a maior parte dos periódicos que haviam se organizado por causa das eleições desapareceu no instante em que o objeto de suas discussões chegou ao fim. Afirmava Sarmiento: “Después de tanta ajitacion, la prensa ha dejado en reposo sus tipos”.<sup>65</sup>

Nesse artigo, o jornalista destacou que o diarismo era um elemento essencial para o desenvolvimento social na primeira metade do século XIX. Como ele próprio havia descrito nos seus primeiros artigos sobre o tema no *El Zonda*. Sarmiento lamentava que um país tão novo como a Argentina, os princípios que serviam de base para o governo não eram suficientemente compreendidos pela maioria da população. A imprensa tinha então a tarefa de circular mais, difundindo mais conhecimento, contribuindo para a melhoria social e a instrução dos indivíduos. A falta de leitores era um fator determinante para a precária existência de alguns impressos. Os jornais não deviam ser escritos apenas para as inteligências escolhidas, mas para o grande número que formava a sua clientela, toda a opinião pública.

La falta de lectores es a nuestro juicio lo que hace tan precaria la existencia y duracion de las publicaciones periodicas, y cualquiera que sea el orijen de ello, siempre hará poco honor a una nación que empieza a llamar la atención del mundo, y que puede servir de modelo por su regularidad y orden a los demas estados sud-americanos. En el desafortunado país donde el gobierno hace pesar una mano de hierro sobre la prensa periódica, a fin de que no se oigan a lejos los jemitos de sus victimas, hallará pronto disculpa la circunscripción de las publicaciones diarias; pero, que podrá justificar a una nación, como la chilena, que gozando de una larga paz, de prosperidad en su comercio exterior, de consolidación en sus instituciones i estendiendo cada día mas i mas su influencia sobre los estados vecinos, no tenga sino uno diario, y este suscrito por un estrecho circulo de lectores.<sup>66</sup>

Sarmiento insistia também que o pouco desenvolvimento da imprensa na América Hispânica era uma herança do antigo sistema colonial. O hábito de leitura não era generalizado entre a população, essa realidade começaria a ser

---

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> *El Mercurio*: “*Sobre la lectura de periódicos*”, 04/07/1841.

<sup>66</sup> Ibid.

alterada, mais tarde, na segunda metade do século XIX. Para o autor, era preciso introduzir a imprensa como um elemento necessário na vida de cada cidadão.

Introduzcamos primero el diario entre el catálogo de las necesidades ordinarias de cada ciudadano; empeñemonos en que se habitué y se interese en saber todo lo que se pasa en el interior y en el exterior de su país, y después veremos a la prensa periódica sostenida contra el poder, por las raíces que habrá echado en las costumbres del pueblo, que no podrá vivir sin ella, i no por vanas declamaciones que solo logran perjudicarla.<sup>67</sup>

O artigo “*La influencia de la prensa periódica*” do *El Mercurio* mostrou que diante da abundância dos papéis públicos pouco comprometidos, as leis, o convencimento dos homens e a firmeza de um governo patriótico poderiam se fragilizar. Nas palavras do periodista, a imprensa com a veemência da tribuna, apresentava também a mordacidade do líbelulo e uma lógica controversa. O próprio autor ressaltou como seria no futuro a reação da leitura das páginas dos periódicos daquele momento. Talvez, possamos dizer que nas palavras do escritor san juanino, o “curioso” que ele assinala é o historiador que recorre aos jornais para tentar compreender e remontar o imaginário político e social de uma época. “Un día el curioso, registrando las columnas de la prensa leerá con asombro lo que se ha dicho sobre cuestión y no sabrá como explicarse que sea posible tener valor para burlarse del público y no tenerlo igual para defender algun principio útil”.<sup>68</sup>

## 2.9. “La imprenta como industria”

Em 1844, Sarmiento publicou um conjunto de três artigos com o título “*Legislación sobre imprenta como industria*” no *El Progreso*.<sup>69</sup> Dessa vez, falava da necessidade de dar à imprensa no Chile um caráter de indústria nacional e, dessa forma, contribuir para “ilustrar a opinião”. Acreditava que os papéis impressos eram a matéria-prima que deveria ter o maior consumo na época. O escritor san juanino examinou os direitos de publicação da obra, do autor e do

<sup>67</sup> Ibid.

<sup>68</sup> *La Crónica*: “*Subvención de la prensa periódica*”, 08/07/1849.

<sup>69</sup> *El Progreso*: “*Legislación sobre imprenta como industria*”. A série de três artigos foi publicada nos dias 16, 19 e 20/11/1844.

tradutor e reivindicou uma lei que protegesse a produção e a propriedade literária de fraude ou espoliação. Também afirmou que um governo representativo deveria ser a expressão fiel das necessidades do seu tempo e, com relação ao tema da imprensa, a questão do momento era o estabelecimento de uma lei que pudesse garantir a produção literária no país e resolver o problema da escassez de livros na Região do Prata.

Para Sarmiento, as legislações européias demoraram muito tempo para reconhecer o direito do autor de receber algum benefício pelos seus escritos publicados em periódicos ou impressos em livros. Ele acreditava que essa gratificação deveria ser proporcional ao sucesso da obra, ou a importância que o público atribuía. Segundo Sarmiento, havia uma necessidade de estabelecer uma legislação geral da imprensa como indústria na América Hispânica. Ele assinalou o exemplo dos norte-americanos que não precisavam produzir um grande número de livros, porque tinham uma fonte inesgotável de escritos que vinham das imprensas de Londres. As publicações londrinas, em pouco tempo, repercutiam em cidades como Boston ou Nova York.

Na América Hispânica, o cenário era bem diferente. Sarmiento ressaltou que era possível reproduzir as produções da literatura espanhola, mas que naquele momento, elas se revelavam insignificantes e pouco numerosas. Era preciso então expandir o número publicações, que deveriam vir de diferentes nações e alcançar cada vez um maior número de indivíduos. Sarmiento sentenciava que não havia livros escritos no próprio idioma para instruir a nação, as obras careciam de traduções. Ao analisar o papel da imprensa como indústria, o periodista defendia a sua própria crença no progresso de um povo, através da educação pública e dos jornais.

Para que un país americano pretendiese abundar em producciones literarias, necesitaría lo que seguramente no tendría sino à la vuelta de siglos, una literatura; porque solo del desarrollo futuro de nuestras sociedades, de la mezcla de naciones distintas, en un suelo virgen, sin, historia hasta aqui, y de las instituciones, costumbres o ideas que aquellos pueblos asuman á causa de la novedad de su posición, podrá resultar un dia una literatura.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> *El Progreso*: “Legislación sobre imprenta como industria”, 19/11/1844.



Sarmiento discutiu amplamente a questão, apontou os limites e as implicações das obras serem traduzidas em outras nações. Assinalou que se a reprodução de livros de um país para o outro despojava o autor dos seus direitos; por outro lado, proporcionava imensos avanços para a civilização no mundo. Para Sarmiento, concretizar o papel de uma imprensa como indústria era possível naquele momento no Chile. Mais uma vez, enfatizou o exemplo da imprensa na América do Norte, que não era apenas o lugar que se produziam as impressões mais baratas, eles conseguiam também que os materiais de imprensa tivessem um custo mais baixo, estimulando cada vez mais a produção literária no país.

Cada obra impresa en el país, tiene precisamente necesidad de popularizarse; y mientras las prensas europeas apenas introducen en el país una docena de ejemplares al año, una edición chilena pone en circulación seiscientos por lo menos, y sabido es que una de las grandes dificultades con que la instrucción pública tropieza, es la falta de libros que descendan hasta las clases inferiores de la sociedad.<sup>71</sup>

Sarmiento acreditava que o homem de um povoado que aprendeu a ler, esquecia facilmente o hábito de leitura, porque não havia como praticar. Esse tipo de indústria era primordial para Sarmiento. Ele acreditava que através dela era possível ampliar a circulação de livros e promover o desenvolvimento intelectual e social de um país. O autor defendia que a atividade da imprensa era muito simples e de fácil manuseio e que em qualquer país poderia se desenvolver e crescer.

La industria es de tal modo ajena de nuestras costumbres y de nuestras circunstancias, que todas las tentativas que se hagan para aclimatar algunas de la de Europa, tendrán que pasar largo tiempo por ensayos infructuosos. No sucede así empero, con la imprenta, cuyos elementos son tan simples y tan sencilla su maquinaria, que en todas las partes, en los países antiguos como los nuevos, medra y se desenvuelve; y tan fácil y barata puede ser en Chile la producción de la prensa.<sup>72</sup>

É importante ressaltar também que, no final da década de 1840, Sarmiento voltou a tratar do tema da imprensa e da liberdade de opinião. Os artigos foram publicados no *La Crónica*. Para o autor, era impossível saber qual seria o seu papel no futuro dos diários. Ele acreditava que contra um jornal, somente um outro poderia lutar. Essa batalha seria reduzida a saber qual das duas publicações

<sup>71</sup> *El Progreso*: “Legislación sobre la imprenta como industria”, 20/11/1844.

<sup>72</sup> *Ibid.*

teria o maior número de leitores, qual exaltaria o maior número de paixões e qual conseguiria manejar de forma mais hábil a lógica e a declamação em suas páginas. Nas palavras do periodista: “Esta es la posición constitucional del diario en el mundo político; y solo un siglo de más experiencia puede asignarle su verdadero rol en las **funciones sociales**”.<sup>73</sup>

Para Sarmiento, a liberdade de expressão era uma faculdade tão necessária ao homem como comer, vestir e dormir; e da mesma forma que essas características não poderiam recair sobre nenhuma legislação ou regulamentação, a opinião também não poderia. Por outro lado, essa mesma liberdade estava relacionada a prática governativa, administrativa, que se apresentava através da consciência dos cidadãos. A lei de imprensa se fazia necessária para proteger a ordem, a autoridade e a reputação. No artigo intitulado “*Lei de Imprensa*”, Sarmiento proclamou a necessidade de reflexão sobre o assunto e a importância de se ouvir intelectuais que já debateram o tema. No texto, citou um parecer escrito por Alberdi e questionou se a Câmara pretendia ouvi-lo diante de um assunto tão espinhoso. Afirmava que os constituintes sempre traçavam uma lei às cegas, na qual era inevitável cair em atoladeiros que não conheciam, transformando o próprio decreto numa fonte de mal.<sup>74</sup> Mais tarde, Alberdi e Sarmiento seriam os autores principais de uma nova polêmica sobre a imprensa. Dessa vez, não compartilhariam a mesma opinião e atacariam um ao outro em documentos que ficaram conhecidos *Cartas Quillotanas* e *Las Ciento y Una*, que serão analisados no próximo capítulo.

## 2.10. “Utopías de perfectibilidad de la imprenta”

Os artigos de Sarmiento revelam que o autor tratou à exaustão uma série de temas relacionados as publicações periódicas e a liberdade de imprensa. Seus escritos mostram a atuação dos jornais na cena política e sua função como uma ferramenta para a educação das províncias e das cidades. Apesar do periodista

<sup>73</sup> *La Crónica*: “*Ley de Imprensa*”, 10/08/1849.

<sup>74</sup> *Ibid.*

proclamar que desejava assinantes aos milhares, essa realidade ainda era muito restrita na época. Faltavam livros, periódicos e ensino público. A elite intelectual ainda discutia e delimitava a representatividade da “opinião pública”, assim como apontava quais eram os cidadãos que a integravam.

Uma característica marcante dessa “*prensa*” descrita por Sarmiento era que redatores e editores dirigiam seus impressos para os próprios adversários, que também respondiam em outros jornais, estabelecendo um verdadeiro jogo de retórica impresso nas páginas periódicas. É importante ressaltar que as definições de Sarmiento sobre a imprensa apresentam sutis diferenças em dois momentos distintos. Primeiro, quando participou da criação do *El Zonda* em San Juan; e depois no exílio, quando atuou em diversos jornais chilenos.

A imprensa, que Sarmiento descreveu na província, estava atrelada ao ideal de civilização e desenvolvimento social que a leitura dos diários poderiam proporcionar para o cidadão comum. Era uma ferramenta essencial no processo de formação de uma sociedade e de uma nação. No segundo momento, quando escreveu sobre o tema durante o exílio no Chile, os jornais não funcionavam apenas como uma instância essencial ao progresso, ele ressaltava o poder de uma calúnia impressa que poderia deixar marcas difíceis de se apagar em qualquer reputação. O exercício de liberdade de imprensa tão clamado por diferentes gerações, desde a independência de 1810, continuava a ser um direito e uma garantia essencial. Mas como era possível fazer com que as *plumas* não caíssem em mãos pouco comprometidas? A imprensa não lutava somente pelo “anseio dos livres” e pela liberdade de *ação* da geração romântica, ela também poderia ser utilizada a favor de governos autoritários e proclamar mentiras. Era uma ferramenta que atuava nos dois lados da disputa política e poderia servir a diferentes interesses. A imprensa que instruía, também caluniava.

O próprio Sarmiento não conseguiu escapar da lógica controversa das publicações periódicas, ao utilizar seus jornais para atingir e denegrir seus adversários políticos. Naquele momento, não havia mais as “*utopias de*

*perfectibilidad da imprensa*”, como apontava o autor.<sup>75</sup> As páginas impressas feriam personagens da cena política sem qualquer reflexão. Sarmiento acreditava que os periódicos se distanciaram da função de difundir os princípios e as convicções que poderiam transformar uma nação, as verdadeiras “*bayonetas inteligentes*”.<sup>76</sup>

Durante o exílio e mesmo depois, Sarmiento utilizou termos como “*guerra*”, “*conflicto*”, “*arma*” e “*tribuna*” para categorizar a imprensa. Essas palavras representam os lances no discurso e foram também proferidas por outros intelectuais românticos da época. A imprensa que lutava contra Rosas foi definida como uma “*imprensa de combate*”. Durante todo esse período, o escritor sanjuanino foi além dos jornais, buscou rever uma legislação para a proteger a autoria de uma obra e enfatizou a necessidade de consolidar a imprensa como indústria para aumentar a publicação de livros e estimular a educação pública.

Os rumos e os limites da imprensa suscitariam ainda mais questionamentos e novas polêmicas, porém, Sarmiento já decretava nas páginas dos seus jornais: “Los pueblos no marchan á empujones. Se necesita tiempo para que maduren sus instituciones y den éstas sus frutos. Y por reales que fuesen los bienes que se anhelan alcanzar, sólo con el raciocinio puede convencerse á todos de su necesidad”.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> A expressão foi utilizada por Sarmiento no artigo “*Subvención de la prensa periódica*”, publicado no *La Crónica*, em 08/07/1849. O trecho escrito pelo periodista retratava o papel de imprensa que ele definiu como baixa e elevada: “Pero estas utopías de perfectibilidad de la prensa, no tienen hoy cabida en los espíritus. La tutela no puede ejercerse, en nombre de nada ni de nadie, y si los diarios como La Tribuna, El Mercurio y otros subvencionados, están condenados a volverse, y si no lo son ya en concepto del Comercio ‘bajos, sofistas y seductores y cortesanos del vulgo’, la ley que hoy os abandona á su propia suerte, debe al menos quitarles de por delante la concurrencia ficticia de los otros diarios, que son recompensados por no caer en el delirio natural. Si pues, ha de haber prensa elevada y prensa baja, désennos al menos garantías de que la primera estará libre mediante la subvención de participar de los vicios de la segunda.”

<sup>76</sup> Sarmiento definiu a imprensa como “*bayonetas inteligentes*” no artigo “*Libertad de Imprenta*” de 08/03/1841. A expressão apareceu no trecho: “¿Extrañaremos que anhelan entonces poner una mordaza á esta imprenta que les había humillado y mortificado tanto? ¿No queréis que desearan vengarse de enemiga tan desapiada y tan intolerable? ¿Bastarán siempre las trabas constitucionales para impedirlo? Volved la vista á lo pasado y podréis contestaros. ¿Donde están aquellos formidables atletas que arrojaron las ordenanzas de Julio (1830), ni aquellas ‘*bayonetas inteligentes*’ que dijeron á la disciplina y al valor mercenario.” Grifo no original.

<sup>77</sup> *El Mercurio*: “*Libertad de Imprenta*”, 08/03/1841.